

O que é a Trindade?

A doutrina da Trindade se desenvolveu após o Concílio de Constantinopla em 381 d.C, do Tomo de Dâmaso, e em 382 d.C do Credo Atanasiano. Segue-se o que foi definido:

1. Diz-se que há três pessoas divinas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — na Divindade.
2. Diz-se que cada uma dessas pessoas distintas é eterna, nenhuma tendo surgido antes ou depois da outra.
3. Diz-se que cada uma é todo-poderosa, nenhuma sendo maior ou menor que a outra.
4. Diz-se que cada uma é onisciente, sabendo todas as coisas.
5. Diz-se que cada uma é Deus verdadeiro.
6. Contudo, diz-se que não há três Deuses, mas um único Deus.

Perguntas.

1. Qual texto informa que Deus se compõe de três pessoas distintas, Pai, Filho e Espírito Santo, mas que as três são um único Deus?
2. Qual texto informa que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são iguais em todos os aspectos, tais como: eternidade, poder, posição e sabedoria?
3. Em qual parte textual da Bíblia iguala o Espírito Santo ao Pai?

As origens surpreendentes da doutrina da Trindade

Foi em um cenário de apostasia, de falsos mestres e apóstolos em que a doutrina da Trindade surgiu. Nas primeiras décadas depois do ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo, que abrange os próximos séculos, várias ideias surgiram quanto à sua natureza exata. Ele era homem? Ele era Deus? Ele foi Deus com uma forma humana? Ele era uma ilusão? Ele era um homem simples que se tornou Deus? Ele foi criado por Deus, o Pai, ou Ele existiu eternamente com o Pai?

O Fundo Histórico de como a Trindade foi Introduzido

Uma vez que a Trindade não é encontrada na Bíblia, como muitos estudiosos e teólogos admitem, como chegou a ser visto como um ensinamento tão importante? Professores de teologia Roger Olson e Christopher Hall explicam parte do quebra-cabeça em seu livro: “É compreensível que a importância dada à esta doutrina é desconcertante para muitos cristãos leigos e estudantes. Em nenhum lugar está clara e inequivocamente declarado nas Escrituras... Como pode ser tão importante, se não for explicitamente indicado nas Escrituras”?... “A doutrina da Trindade desenvolveu-se gradualmente após a conclusão do Novo Testamento, no calor da polêmica, mas os pais da igreja que o desenvolveram acreditavam que eles estavam simplesmente fazendo exegese [explicar] de uma suposta revelação divina e não especulando ou inventando novas ideias”. A doutrina da Trindade se desenvolveu de forma explicitada no século IV em dois grandes concílios: Niceia (325 d.C) e Constantinopla (381 d.C)¹.

¹Cf. Roger Olson, Christopher Hall, *A Trindade*, 2002, pag. 1-2.

O Concílio de Nicéia

Instituiu ou confirmou o Concílio de Nicéia a Trindade como doutrina da cristandade? Muitos presumem que sim. Mas os fatos mostram outra coisa. O credo promulgado por este concílio de fato afirmou coisas sobre o Filho de Deus que permitiriam a diversos clérigos encará-lo de certo modo como igual a Deus, o Pai.

Conforme originalmente publicado, o credo (ou símbolo) inteiro declarava: “Cremos em um só Deus, Pai onipotente, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; “E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado do Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial com o Pai, por meio de Quem todas as coisas vieram à existência, coisas no céu e coisas na terra, o Qual, por causa de nós homens e por causa da nossa salvação, desceu e se tornou encarnado, tornando-se homem, sofreu e levantou-se de novo no terceiro dia, ascendeu aos céus, e virá para julgar os vivos e os mortos; “E no Espírito Santo.”²

Perguntas

Será que este credo diz que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas em um só Deus? Será que diz que os três são iguais em eternidade, poder, posição e sabedoria? O Credo Niceno original não instituiu ou afirmou a Trindade. Este credo, no máximo, iguala o Filho ao Pai em ser ele “consubstancial” com o Pai. Mas não diz nada disso a respeito do Espírito Santo.

Tudo o que diz é “cremos... no Espírito Santo”. Esta não é a doutrina trinitária da cristandade. Até mesmo a palavra-chave “consubstancial” (*ho-mo-ou-si-os*) não significa necessariamente que o concílio acreditava numa igualdade numérica entre o Pai e o Filho. Se o Concílio quisesse dizer que o Filho e o Pai eram numericamente um, ainda assim não seria uma Trindade. Seria apenas um Deus de dois-em-um não de três-em-um, exigido pela doutrina da Trindade.

Será que os bispos em geral, reunidos em Nicéia, acreditavam que o Filho era igual a Deus? Pois Ário ensinava que o Filho teve um começo específico no tempo e, por isso, não era igual a Deus, mas era subordinado a ele em todos os sentidos. Atanásio, por outro lado, acreditava que o Filho era igual a Deus em certo sentido. E havia outros conceitos.

Uma grade obra diz: “uma posição doutrinária claramente formulada em contraste com o arianismo foi abraçada apenas por uma minoria, embora esta minoria conseguisse prevalecer”³. A ideia de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram cada um verdadeiro Deus e iguais em eternidade, poder, posição e sabedoria, e ainda assim apenas um só Deus — um Deus em três-em-um — não foi desenvolvido pelo concílio, nem pelos anteriores Pais da igreja.

²Cf. Socr. *H. E.* i. 8. Theod. *H. E.* i. Gelas. *Hist. Nic.* ii. 34. p. 442. Niceph. *Hist.* viii. *A Short History of Christian Doctrine*, de Bernhard Lohse, 1963, pag. 52, 53.

³Cf. Philip Schaff e Henry Wace, *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, de, 1892, Volume IV, pag. 17.

O Concílio de Constantinopla

No ano de 381, 44 anos após a morte de Constantino, o imperador Teodósio, o Grande, convocou o Concílio de Constantinopla (hoje Istambul, Turquia) para resolver essas disputas. Gregório de Nazianzo, recentemente nomeado como arcebispo de Constantinopla, presidiu o conselho e pediu a adoção de sua visão do Espírito Santo. Historiador Charles Freeman diz: “Praticamente nada se sabe sobre os debates teológicos do Concílio de 381, mas Gregório foi certamente à esperança de obter alguma aceitação de sua crença de que o Espírito era consubstancial ao Pai [o que significa que as pessoas têm o mesmo ser, como substância, neste contexto, indica a qualidade individual]”. “Se ele lidou com o assunto desajeitadamente ou se simplesmente não havia chance de consenso, os macedônios, dos bispos que se recusaram a aceitar a plena divindade do Espírito Santo, deixaram o conselho...” Gregório repreendeu os bispos por não terem aceitado “o Verbo Divino da Trindade em sua autoridade”⁴.

Em 381 d.C, o Concílio de Constantinopla confirmou o Credo Niceno. E acrescentou-lhe algo mais. Chamou o Espírito Santo de “Senhor” e “vivificador”. O credo ampliado de 381 d.C (que é substancialmente o usado hoje nas igrejas e que é chamado de “o Credo Niceno”) mostra que a cristandade estava na iminência de formular o pleno dogma trinitário.

Todavia, nem mesmo este concílio completou a doutrina, pois se diz: “É de interesse que, 60 anos depois de Nicéia, o Concílio de Constantinopla evitasse *homoousios* na sua definição da divindade do Espírito Santo.”⁵

“Os eruditos têm ficado intrigados com a aparente brandura da expressão por parte deste credo; por exemplo, de não usar a palavra *homoousios* a respeito do Espírito Santo como consubstancial com o Pai e o Filho.”⁶

“*Homoousios* não ocorre nas Escrituras.” A Bíblia não usa esta palavra nem para o Espírito Santo, nem para o Filho como consubstanciais com Deus. Foi uma expressão não-bíblica que ajudou a produzir a doutrina da Trindade.

O credo do concílio só foi amplamente reconhecido no Ocidente no sétimo ou no oitavo século. Os eruditos reconhecem também que o Credo Atanasiano definido como padrão e apoio a Trindade não foi escrito por Atanásio, mas por um autor desconhecido de época muito posterior. *The New Encyclopædia Britannica* comenta: “O credo era desconhecido à Igreja Oriental até o século 12. Desde o século 17, os peritos em geral têm concordado que o Credo Atanasiano não foi escrito por Atanásio (falecido em 373), mas que, provavelmente, foi elaborado no sul da França durante o quinto século... O credo parece ter tido influência primariamente no sul da França e na Espanha no 6.º e 7.º séculos. Foi usado na liturgia da igreja na Alemanha no 9.º século e um pouco mais tarde em Roma.”⁷

⁴ *A.D. 381: Heretics, Pagans and the Dawn of the Monotheistic State*, 2008, pag. 96

⁵ Cf. *New Catholic Encyclopedia*, 1967, Volume VII, pag. 115.

⁶ Cf. *New Catholic Encyclopedia*, 1967, Volume IV, pag. 436.

⁷ Cf. *The New Encyclopædia Britannica*, 1985, 15.a Edição, Micropædia, Volume 1, pag. 665.

O vocábulo homousios

A palavra chave “consustancial” (*ho-mo-ou-si-os*) não significa necessariamente que o concílio acreditava numa igualdade numérica entre o Pai e o Filho.

Atanásio descreve com muita perspicácia a proposta ortodoxa da expressão que eles tinham pensado. Após uma série de tentativas, verificou-se que algo mais claro e inequívoco deveria ser adotado sobre a verdadeira unidade da fé e conseqüentemente, foi adotada a palavra homousios.⁸

A palavra homousios, provavelmente foi rejeitada pelo Concílio de Antioquia⁹ e foi aceito pelo herege Paulo de Samósata e este a tornou muito ofensivo para muitos nas Igrejas asiáticas.

Por outro lado, a palavra foi usada quatro vezes por Irineu, e Pamphilus o Mártir cita que Orígenes usou também a palavra. Tertuliano também usou a expressão “de uma substância” (*unius substanticoe*) em dois lugares.

Vasquez trata este assunto com alguma profundidade em sua *Disputations*¹⁰ e chama a atenção para a forma como a distinção é desenhada por Epifânio entre *Synousios* e *homousios*, “*synousios* significa uma unidade de substância que permite qualquer distinção”: palavra esta que os Sabelianitas admitiam: entretanto *homousios* significa a mesma natureza e substância, mas com uma distinção entre as pessoas umas das outras. A Igreja adotou esta palavra como uma das melhores para refutar a heresia ariana.¹¹

A Trindade torna-se doutrina oficial

O ensino dos três teólogos da Capadócia "tornou possível no Concílio de Constantinopla (381) afirmar a divindade do Espírito Santo, que até aquele momento não tinha sido claramente estabelecido, nem mesmo nas Escrituras"¹².

O Conselho aprovou uma declaração que diz o seguinte: "Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um Senhor Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todas as idades... E cremos no Espírito Santo, Senhor, que dá a vida, e procede do Pai, que com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, que falou pelos profetas..." "A declaração também afirmou acreditar" em uma santa, católica e apostólica... "Com esta declaração, em 381, que se tornaria conhecido como o Niceno-Constantinopolitano, a Trindade como geralmente entendida hoje se tornou a crença oficial".

⁸ Athanas, *De Decret. Syn.Nic.* c. xix. *et seq.*

⁹Cf. Swainson, in Smith and Wace, *Dict. Christ. Biog.*, *sub voce* Homousios, pag. 134.

¹⁰Cf. Vasquez. *Disput.* cix., cap. v. "Rightly doth the Church use the expression Homousios (that is Consustantial) to express that the Father and the Son are of the same nature".

¹¹Cf. Vasquez may also well be consulted on the expressions ουσία, substantia, ὑπόστασις, etc. The reader will find this whole doctrine treated at great length in all the bodies of divinity; and in Alexander Natalis (H.E. t. iv., Dies. xiv.); he is also referred to Pearson, *On the Creed*; Bull, *Defence of the Nicene Creed*; Forbes, *An Explanation of the Nicene Creed*; and especially to the little book, written in answer to the recent criticisms of Professor Harnack, by H. B. Swete, D.D., *The Apostles' Creed*.

¹²Cf. *The HarperCollins Encyclopedia of Catholicism*, "God," pag. 568

Influência da Filosofia Grega na Doutrina da Trindade

Muitos historiadores e estudiosos religiosos atestam a influência da filosofia grega ou platônica no desenvolvimento e aceitação da doutrina da Trindade, no século IV. Mas no que essa filosofia implica, e como ela chegou a afetar a doutrina da Trindade? Para resumir o que era pertinente, começa-se com menção ao famoso filósofo grego Platão (429-347 a.C). Ele acreditava em uma tríade divina: “Deus, as ideias, [e] o Espírito do Mundo”, embora “em nenhuma parte é explicado ou harmonizado essa tríade”¹³.

Pensadores gregos posteriores fizeram uso dos conceitos de Platão no que se referiam como três “substâncias”— O Deus supremo ou “único,” a partir da qual veio “mente” ou “pensamento” e “espírito” ou “essência.” Em seu pensamento as “substâncias” eram diferentes e divinas, mas sendo o aspectos do mesmo Deus. Tal pensamento metafísico era comum entre os intelectuais do mundo grego e assim transferiram para o pensamento do mundo romano do período do Novo Testamento e séculos seguintes. Com a morte dos últimos apóstolos, um pouco deste pensamento metafísico começou a afetar e infiltrar-se na Igreja primitiva — principalmente por aqueles que já tinham se comprometidos com o paganismo. Estudiosos da Bíblia como John McClintock e James Strong explicam: “No final do primeiro século, e durante o segundo, muitos homens instruídos vieram tanto do judaísmo e do paganismo ao cristianismo. Estes trouxeram com eles nas escolas cristãs de teologia suas ideias platônicas e fraseologia”¹⁴.

Muitos dos líderes da igreja que formularam a doutrina da Trindade estavam mergulhados na filosofia grega e platônica, e isso influenciou suas opiniões e ensinamentos religiosos. A linguagem que eles usaram para descrever e definir a Trindade foram de fato, tirada diretamente da filosofia platônica e grega. A palavra *trindade* em si não é nem bíblica nem cristã. Em vez disso, o termo platônico *trias*, da palavra para três, foi latinizado como *trinitas* — este último dando-nos a palavra em português, “trindade”. “A escola catequética de Alexandria, tendo Clemente de Alexandria e Orígenes, os maiores teólogos da Igreja grega, aplicaram o método alegórico para a explicação das Escrituras. *Seu pensamento foi influenciado por Platão: seu ponto forte era [pagã] especulações teológicas.* Atanásio e os três Capadócijs [os homens cujo ponto de vista trinitário foi adotado pela Igreja Católica no Concílio de Niceia e Constantinopla] tinham sido incluído entre os seus membros”¹⁵.

“A doutrina do Logos [i.e., o “verbo,” uma designação para Cristo em João 1] e da Trindade receberam a sua forma de Pais Gregos, que... *foram muito influenciados, direta ou indiretamente, pela filosofia platônica.... Que os erros e corrupções penetraram na Igreja a partir desta fonte não pode ser negada*”¹⁶.

¹³Cf. Charles Bigg, *Christian Platonists of Alexandria*, 1886, pag. 249.

¹⁴Cf. John McClintock e James Strong, *Cyclopaedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*, 1891, Vol. 10, “Trinity,” pag. 553.

¹⁵Cf. Hubert Jedin, *Ecumenical Councils of the Catholic Church: an Historical Outline*, 1960, pag. 28.

¹⁶Cf. Samuel Macauley Jackson, *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, 1911, Vol. 9, pag. 91.

O prefácio do historiador Edward Gibbons' *History of Christianity* resume a influência grega sobre a adoção da doutrina da Trindade, afirmando o seguinte: “Se o paganismo foi conquistado pelo cristianismo, é igualmente verdade que *o cristianismo foi corrompido pelo paganismo*. O deísmo puro [religião de base, no presente contexto] dos primeiros cristãos... foi mudado, pela Igreja de Roma, *para o dogma incompreensível da trindade*. Muitos dos dogmas pagãos, inventados pelos egípcios e idealizados por Platão, foram retidos como sendo dignos de crença”¹⁷

A ligação entre os ensinamentos de Platão e da Trindade, tal como adaptadas por séculos pela Igreja Católica, se tornou tão forte que Edward Gibbon, em sua obra-prima *A História do Declínio e Queda do Império Romano*, se refere a Platão como “o sábio ateniense, que, maravilhosamente antecipou uma das descobertas mais surpreendentes da revelação cristã”— a Trindade (1890, Vol. 1, p. 574).

Assim, se vê que a doutrina da Trindade deve muito menos com a Bíblia do que para as especulações metafísicas de Platão e outros filósofos gregos pagãos. Não é por pouco que Paulo advertiu os Colossenses com as seguintes palavras: Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo (Col 2:8 ARA).

As maldições dos que não creem na Trindade

Em 325 d.C, um concílio de bispos, reunido em Nicéia, na Ásia Menor, formulou um credo que declarava que o Filho de Deus era “Deus verdadeiro” assim como o Pai era “Deus verdadeiro”. Parte desse credo declarava: “Mas, quanto aos que dizem que Houve [tempo] em que [o Filho] não existia, e que, antes de nascer, Ele não era, e que Ele veio à existência do nada, ou que afirmam que o Filho de Deus é de diferente hipóstase ou substância, ou que é criado, ou que está sujeito a alteração ou mudança — a estes a Igreja Católica anatematiza.”¹⁸

Que acreditasse que o Filho de Deus e o Pai não eram co-eternos, era destinado à perdição eterna. No ano 381 d.C, reuniu-se outro concílio, em Constantinopla, e declarou que o Espírito Santo devia ser adorado e glorificado como o Pai e o Filho eram. Um ano mais tarde, em 382 d.C, outro sínodo reuniu-se em Constantinopla e ratificou a plena divindade do Espírito Santo.¹⁹

O Papa Dâmaso apresentou uma coletânea de ensinamentos a serem condenados pela igreja. O documento, chamado de Tomo de Dâmaso, incluía as seguintes declarações: “Se alguém nega que o Pai é eterno, que o Filho é eterno, e que o Espírito Santo é eterno, este é herege.” “Se alguém nega que o Filho de Deus é Deus verdadeiro, assim como o Pai é Deus verdadeiro, tendo todo o poder, sabendo todas as coisas, e que é igual ao Pai, este é herege.” “Se alguém nega que o Espírito Santo... é Deus verdadeiro ... que tem todo o poder e sabe todas as coisas, . . . este é herege.” “Se alguém nega que as três pessoas, o Pai, o Filho, e o Espírito Santo, são pessoas verdadeiras, iguais, eternas, contendo todas as coisas visíveis e invisíveis, que são onipotentes,... este é herege.”

¹⁷Cf. Gibbons', *History of Christianity, How Ancient Trinitarian Gods Influenced Adoption of the Trinity*, 1883, pag 16-18.

¹⁸Bernhard Lohse, *A Short History of Christian Doctrine*, 1980, pag 53.

¹⁹*Ibid.*, pag. 64-65

“Se alguém diz que [o Filho que foi] feito carne não estava no céu com o Pai enquanto estava na terra, este é herege.” “Se alguém, embora diga que o Pai é Deus, e que o Filho é Deus, e que o Espírito Santo é Deus, . . . não diz que eles são um só Deus, . . . este é herege.”²⁰

Atanásio, clérigo do quarto século, declarou em seu livro *On the Incarnation* (Sobre a Encarnação): “A Palavra [Jesus] não estava confinada ao seu corpo, tampouco sua presença no corpo o impedia de estar presente também em outro lugar. Quando el[e] transferiu seu corpo, el[e] não parou de também dirigir o universo por sua mente e poder... el[e] ainda é fonte de vida para todo o universo, presente em todas as partes; no entanto, fora do todo.”²¹

O que os grandes peritos disseram sobre a trindade?

A Enciclopédia Católica informa: “Hoje, no entanto, os estudiosos em geral concordam que não há nenhuma doutrina da Trindade, como tal, tanto no AT [Antigo Testamento] ou o NT [Novo Testamento]... Da mesma forma, o NT não contém uma doutrina explícita da Trindade”²².

A Enciclopédia Britânica em seu artigo sobre a Trindade, explica: “*Nem a palavra Trindade, nem a doutrina explícita aparece no Novo Testamento... A doutrina desenvolveu-se gradualmente ao longo de vários séculos e através de muitas controvérsias... Não existia até o século IV onde a distinção dos três em uma unidade foram reunidos em uma única doutrina ortodoxa de uma essência e três pessoas*”²³.

O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento aponta que “*o cristianismo primitivo não tinha uma doutrina explícita da Trindade, tal como foi posteriormente elaborada nos credos da igreja primitiva*”²⁴.

Historiador e escritor HG Wells, em seu trabalho notável *O Esboço da História*, assinala: “*Não há nenhuma evidência de que os apóstolos de Jesus ouviram falar da Trindade*”²⁵.

Lutero, o sacerdote alemão que iniciou a Reforma Protestante, admitiu: “*É verdade que o nome Trindade está longe de ser encontrada nas Sagradas Escritura, mas foi concebida e inventada pelo homem*”²⁶.

²⁰Cf. John F. Clarkson, SJ, John H. Edwards, SJ, William J. Kelly, SJ, e John J. Welch, SJ, *The Church Teaches*, 1955, pag. 125-127.

²¹Cf. Penelope Lawson, *On the Incarnation*, 1981, pag. 27-28.

²²Cf. Richard McBrien, *The Harper Collins Encyclopedia of Catholicism*, 1995, “God,” pag. 564-565.

²³Cf. *The Encyclopaedia Britannica*, 1985 edition, Micropaedia, Vol. 11, pag. 928

²⁴Cf. Colin Brown, *The New International Dictionary of New Testament Theology*, Vol. 2, 1976, “God,” pag. 84.

²⁵Cf. Hg Wells, *O Esboço da História*, 1920, Vol. 2, pag. 499.

²⁶Cf. John Lenker, *The Sermons of Martin Luther*, Vol. 3, 1988, pag. 406.

Bruce Metzger diz: “*Como a Trindade é uma parte tão importante da doutrina cristã, é surpreendente que o termo não aparece no Novo Testamento... Da mesma forma, o conceito desenvolvido por três pessoas co-iguais na Divindade encontrados nas formulações dos credos posteriores não pode ser claramente detectado dentro dos limites do cânone*”²⁷.

Professor Charles Ryrie escreve: “Muitas doutrinas são aceitas pelos evangélicos como sendo claramente ensinadas na Escritura para os quais não existem textos que provam. *A doutrina da Trindade fornece o melhor exemplo disso. É justo dizer que a Bíblia não ensina claramente a doutrina da Trindade... Na verdade, não há sequer um texto que prove ou uma passagem que “claramente” afirme que existe um Deus em três pessoas*”²⁸.

Millard Erickson escreve que a Trindade “*não é claramente ou explicitamente ensinada em qualquer lugar nas Escrituras, no entanto, é amplamente considerada como uma doutrina central, indispensável para a fé cristã*”. A este respeito, ele vai ao contrário do que é praticamente um axioma da doutrina bíblica, ou seja, que não há uma correlação direta entre a clareza bíblica de uma doutrina e sua crucialidade à fé e vida da Igreja. “*Tendo em vista a dificuldade do assunto e à grande quantidade de esforço despendido para manter esta doutrina, bem podemos perguntar a nós mesmos o que poderia justificar todo este problema*”²⁹.

Professor Erickson afirma ainda que o ensino da Trindade “*não está presente no pensamento bíblico, mas surgiu quando o pensamento bíblico foi pressionado a este molde externo [de conceitos gregos]. Assim, a doutrina da Trindade vai além e até distorce o que a Bíblia diz sobre Deus*” (pag. 20).

Professor Erickson continua dizendo: “*Alega-se que a doutrina da Trindade é uma doutrina muito importante, fundamental, e até mesmo básica. Se for esse realmente o caso, não deveria existir algo claro, direto e explícito na Bíblia? Se esta é a doutrina que constitui especialmente a exclusividade do Cristianismo... como pode ser apenas implícita na revelação bíblica?... Pois aqui está uma questão aparentemente crucial em que as Escrituras não falam de forma clara. É improvável que qualquer texto da Escritura mostre a doutrina da Trindade, de forma clara, direta e inequívoca* (pag. 108-109).

Shirley Guthrie, Jr., escreve: “*A Bíblia não ensina a doutrina da Trindade. Nem a palavra “trindade” em si, nem esse tipo de linguagem como “um em três”, “três-em-um”, uma “essência” (ou substância), e três pessoas. A linguagem da doutrina é a língua da antiga igreja tomada da filosofia grega clássica*”³⁰.

²⁷Cf. Bruce Metzger and Michael Coogan, *The Oxford Companion to the Bible*, 1993, “Trinity,” pag. 782

²⁸Cf. Charles Ryrie, *Teologia Básica*, 1999, pag. 89.

²⁹Cf. Millard Erickson, *God in Three Persons: A Contemporary Interpretation of the Trinity*, 1995, pag. 12.

³⁰Cf. Shirley Guthrie, Jr, *Christian Doctrine*, 1994, pag. 76-77.

A Influência dos deuses Antigos Trinitários na Trindade

Muitos dos que acreditam na Trindade são surpreendidos, talvez até chocados, ao saber que a ideia de seres divinos existente como trindades ou tríades antecedeu o cristianismo. A evidência é abundantemente documentada.

Marie Sinclair, condessa de Caithnes, em seu livro *Antigas verdades sob uma nova luz*, informa: “É geralmente, embora erroneamente, supor que a doutrina da Trindade é de origem cristã”. *Quase todas as nações da antiguidade possuía uma doutrina semelhante*. Jerônimo atesta de forma inequívoca, “*Todas as nações antigas acreditavam na Trindade*” (The early Catholic theologian p. 382).

Suméria

“O universo foi dividido em três regiões cada um dos quais se tornou o domínio de um deus. A participação de *Anu* era o céu. A terra foi dada a *Enlil*. *Ea* tornou-se o governante das águas. *Juntos, eles constituem a tríade dos grandes deuses*”.³¹

Babilônia

“Os antigos babilônicos reconheciam a doutrina da trindade, ou três pessoas em um Deus — como se depreende um deus composto de três cabeças que fazem parte de sua mitologia, e da utilização do triângulo equilátero, também, como um emblema de tal trindade na unidade”.³²

Grego

“No século IV a.C Aristóteles escreveu: “Todas as coisas são três, e três é tudo: e vamos usar esse número no culto dos deuses; pois, como dizem os pitagóricos, tudo e todas as coisas são delimitadas por três, para o fim, o meio e o início tem este número em tudo, e estes compõem o número da Trindade”.³³

Egito

“O Hino a *Amon* decretou que “Nenhum deus surgiu diante dele” e que “Todos os deuses são três: *Amon*, *Ra* e *Ptah*, e não há um segundo para eles”. Invisível é o seu nome como *Amon*, ele é *Ra* no rosto, e seu corpo é *Ptah*... Esta é uma declaração de trindade, os três principais deuses do Egito subsumido em um deles, *Amon*. Claramente, o conceito de unidade orgânica dentro da pluralidade tem um impulso extraordinário com esta formulação. Teologicamente, em uma forma bruta chegou surpreendentemente perto da forma cristã posterior do monoteísmo trinitário plural”.³⁴

³¹Cf. *The Larousse Encyclopedia of Mythology*, 1994, pag. 54-55.

³²Cf. Thomas Dennis Rock, *The Mystical Woman and the Cities of the Nations*, 1867, pag. 22-23.

³³ Cf. Arthur Weigall, *Paganism in Our Christianity*, 1928, pag. 197-198.

³⁴Cf. Simson Najovits, *Egypt, Trunk of the Tree*, Vol. 2, 2004, pag. 83-84.

A concepção da Trindade no período dos principais Pais das Igrejas

Se os apóstolos ensinaram a doutrina da Trindade, então esses Pais Apostólicos devem tê-la ensinado também. Ela deve ter ocupado um lugar de destaque em seu ensino, visto que nada era mais importante do que dizer às pessoas quem é Deus. Será que eles ensinaram a doutrina da Trindade?

Uma das mais antigas declarações não bíblica da fé cristã encontra-se num livro de 16 capítulos curto conhecido como *O Didaque*, ou *O Ensino dos Doze Apóstolos*. Alguns historiadores datam-no de antes do ano 100 d.C ou por volta disto. O autor é desconhecido.³⁵

O Didaque trata de coisas que as pessoas precisavam saber para se tornar cristãos. No capítulo 7, prescreve o batismo “no nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo”, as mesmas palavras usadas por Jesus em Mateus 28:19.3. Mas nada diz sobre os três serem iguais em eternidade, poder, posição e sabedoria. No capítulo 10, *O Didaque* inclui a seguinte confissão de fé em forma de oração: “Agradecemos-te, Santo Pai, por teu Nome santo que fizeste residir em nossos corações; e pelo conhecimento, e fé, e imortalidade, que nos revelaste por meio de Jesus, teu Servo. Glória a ti para sempre! Tu, Todo-Poderoso criaste tudo pela causa do teu Nome.... E a nós tens dado graciosamente alimento e bebida espirituais, e vida eterna por intermédio de Jesus, teu Servo.”³⁶

Clemente de Roma

Análise. Clemente de Roma, que se pensa ter sido “bispo” naquela cidade, é outra antiga fonte de escritos a respeito do cristianismo. Crê-se que tenha morrido por volta de 100 d.C. Nos textos supostamente de sua autoria, ele não faz menção alguma de uma Trindade, quer direta, quer indiretamente. Na *Primeira Epístola de Clemente aos Coríntios*, ele diz: “Graça e paz do Deus Todo-Poderoso vos sejam multiplicadas por intermédio de Jesus Cristo.” “Os apóstolos pregaram-nos o Evangelho que receberam do Senhor Jesus Cristo; Jesus Cristo, o que recebera de Deus. Cristo, portanto, foi enviado por Deus, e os apóstolos por Cristo.” “Possas Deus, que tudo vê e Governa — aquele que escolheu nosso Senhor Jesus Cristo, e nós por meio Dele para sermos um povo peculiar — conceder a toda alma que invoca Seu glorioso e santo Nome, fé, temor, paz, paciência, longanimidade.”³⁷

Clemente não diz que Jesus ou o Espírito Santo eram iguais a Deus. Ele apresenta o Deus Todo- Poderoso (não apenas o “Pai”) como distinto do Filho. Fala-se de Deus como superior, visto que Cristo foi “enviado” por Deus, e Deus “escolheu” a Cristo.

³⁵Cf. Alan Richardson, *A Dictionary of Christian Theology*, 1969, pag 95; *The New Encyclopædia Britannica*, 15.a Edição, 1985, Micropædia, Volume 4, pag. 79.

³⁶Cf. Robert A. Kraft, *The Apostolic Fathers*, Volume 3, de, 1965, pag 166.

³⁷Cf. Alexander Roberts e James Donaldson, *The Ante-Nicene Fathers*, Reimpressão Americana da Edição de Edimburgo, 1885, Volume I, pag 5, 16, 21.

Mostrando que Deus e Cristo são duas identidades distintas e não iguais, Clemente disse: “Rogamos com fervorosa oração e súplica que o Criador do universo mantenha intacto o número preciso dos seus eleitos em todo o mundo, por intermédio do seu amado Filho Jesus Cristo... Damo-nos conta de que só tu [Deus] és o mais elevado entre os mais elevados”... “Só tu és o guardião dos espíritos e o Deus de toda carne.” “Que todas as nações saibam que tu és o único Deus, que Jesus Cristo é teu Filho.”³⁸

Clemente chama a Deus (não só ao “Pai”) de “o mais elevado” e refere-se a Jesus como Filho de Deus. Ele também comenta sobre Jesus: “Visto que ele reflete o esplendor de Deus, ele é superior aos anjos, uma vez que seu título se distingue mais do que o deles.”³⁹

Se o Filho de Deus fosse igual a Deus, que é o Pai celestial, não teria sido necessário Clemente dizer que Jesus é superior aos anjos, visto que isto seria óbvio. E sua fraseologia mostra reconhecimento de que, ao passo que o Filho é superior aos anjos, é inferior ao Deus Todo- Poderoso.

O conceito de Clemente é bastante claro: o Filho é inferior ao Pai e é secundário a ele. Clemente nunca achou que Jesus partilhasse a divindade com o Pai. Ele mostra que o Filho é dependente do Pai, isto é, Deus, e diz definitivamente que o Pai, e “só” o Pai, é Deus, e que não partilha Sua posição com ninguém. E em lugar algum Clemente atribui ao Espírito Santo igualdade com Deus. Assim, não há Trindade alguma nos escritos de Clemente.

Inácio

Análise. Inácio mostrou que o Filho estava sujeito Àquele que é superior, o Deus Todo-Poderoso. Inácio chama o Deus Todo-Poderoso de “o único Deus verdadeiro, o não-gerado e inacessível, o Senhor de todos, o Pai e Genitor do Filho unigênito”, mostrando a distinção entre Deus e Seu Filho.⁴⁰

Ele fala sobre “Deus, o Pai, e o Senhor Jesus Cristo”.⁴¹ E declara: “Há um único Deus, Todo- Poderoso, que Se manifestou por meio de Jesus Cristo, Seu Filho.”⁴²

Inácio mostra que o Filho não era eterno, como pessoa, mas que foi criado, pois, segundo ele, o Filho disse: “O Senhor [Deus Todo-Poderoso] criou a Mim, o princípio dos Seus caminhos.”⁴³

Similarmente, Inácio disse: “Há um só Deus do universo, o Pai de Cristo a quem pertencem todas as coisas”; e um só Senhor Jesus Cristo, nosso Senhor, por intermédio de quem são todas as coisas.⁴⁴

³⁸Cf. Cyril C. Richardson, *The Library of Christian Classics*, Volume 1, 1953, pag. 70, 71.

³⁹Cf. Cyril C. Richardson, *The Library of Christian Classics*, Volume 1, 1953, pag. 60.

⁴⁰Cf. *The Ante-Nicene Fathers*, Volume I, pag. 52.

⁴¹ *Ibid.*, pag. 58.

⁴² *Ibid.*, pag. 62.

⁴³ *Ibid.*, pag. 108.

⁴⁴ *Ibid.*, pag. 53.

Ele também escreve: “O Espírito Santo não fala as Suas próprias coisas, mas as de Cristo... assim como o Senhor também nos anunciou as coisas que Ele recebera do Pai. Pois, diz Ele [o Filho] a palavra que ouvis não é Minha, mas do Pai, que Me enviou”.⁴⁵

“Há só um Deus que se manifestou por meio de Jesus Cristo, seu Filho, que é sua Palavra que procedeu do silêncio e em todos os aspectos agradeceu a ele [Deus], que o enviou.... Jesus Cristo estava sujeito ao Pai.”⁴⁶

Inácio chama o Filho de “Deus, a Palavra”. Mas o uso da palavra “Deus” aplicada ao Filho não significa necessariamente igualdade com o Deus Todo-Poderoso. Será que as 15 cartas atribuídas a Inácio são aceitas como autênticas? Em *The Ante-Nicene Fathers*, Volume I se lê: “a opinião universal dos críticos que as primeiras oito dessas cartas que se diz serem de Inácio são espúrias. Elas trazem provas indubitáveis de terem sido produzidas numa época posterior... e agora são, por consenso geral, descartadas como falsificações.” “Das sete Epístolas que são reconhecidas por Eusébio... possuímos duas recensões gregas, uma mais curta e outra mais longa.... Embora a forma mais curta tivesse sido em geral aceita em preferência à mais longa, ainda havia uma opinião bastante prevalecente entre os eruditos de que nem mesmo esta poderia ser considerada absolutamente livre de interpolações, ou de indubitável autenticidade.”⁴⁷

Se aceitar a versão mais curta dos seus escritos como genuína, isto realmente elimina algumas frases (na versão mais longa) que retratam Cristo como subordinado a Deus, mas o que resta na versão mais curta mesmo assim não indica uma Trindade. Inácio cria numa dualidade entre Deus e seu Filho. Isto certamente não era uma dualidade de igualdade, pois o Filho é sempre apresentado como menor que Deus e subordinado a Ele. Portanto os escritos de Inácio não relata a doutrina da Trindade.

Policarpo

Análise. Policarpo de Esmirna nasceu em meados do primeiro século e morreu em meados do segundo. Diz-se que teve contato com o apóstolo João e que escreveu a *Epístola de Policarpo aos Filipenses*.

Havia algo nos escritos de Policarpo que indicasse uma Trindade? O que ele diz harmoniza-se com o que Jesus e seus apóstolos ensinaram. Por exemplo, em sua *Epístola*, Policarpo declarou: “Que o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, e o próprio Jesus Cristo, que é o Filho de Deus.... edificuem-vos em fé e verdade.”⁴⁸

⁴⁵ *Ibid.*, pag. 53.

⁴⁶ Cf. Robert M. Grant, *The Apostolic Fathers*, Volume 4, 1966, pag. 63.

⁴⁷ Cf. John McClintock e James Strong, *Cyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*, Baker Book House Co., 1981, Volume IV, pag. 490-493; *The Catholic Encyclopedia*, 1910, Volume VII, pag. 644-647.

⁴⁸ *The Ante-Nicene Fathers*, Volume I, pag. 35.

Justino Mártir

Um dos mais antigos apologistas foi Justino, o Mártir, que viveu de cerca de 110 a 165 d.C. Nenhum de seus escritos existentes menciona três pessoas co-iguais em um só Deus.

Análise. Justino diz no seu *Diálogo com Trifão*: “A Escritura declara que essa Prole foi gerada pelo Pai antes de serem criadas todas as outras coisas; e que aquilo que é gerado é numericamente distinto daquele que gera, isso qualquer pessoa admitirá.”⁴⁹

Justino Mártir acreditava em uma forma rudimentar da Trindade? A doutrina da Trindade foi um desenvolvimento ou um ensinamento transmitido pelos apóstolos?

Em primeiro lugar, Justino Mártir chamou o Pai de “o mais verdadeiro Deus” (Apologia, 6) e chamou Jesus de “um outro deus” (Trifão, 56) e como o filho do verdadeiro Deus (Apologia, 13) é “sujeito ao Criador de todas as coisas” (Trifão, 56). Justino também se refere a Jesus como “o Espírito Santo” (Apologia, 33 e Trifão, 61), afinal Jesus é o Espírito Santo? E se for são pessoas distintas ou não?

Na *Primeira Apologia* de Justino, no capítulo 6, faz uma defesa contra a acusação da parte dos pagãos de que os cristãos são ateístas. Ele escreve: “Tanto Ele [Deus] como o Filho (que se originou Dele e nos ensinou estas coisas, e a hoste de outros anjos bons que o seguem e são feitos semelhantes a Ele), e o Espírito profético, veneramos e adoramos.”⁵⁰

“Justino considerava o Filho distinto de Deus, e inferior a ele: distinto, não no sentido moderno, como se formasse uma das três hipóstases, ou pessoas, . . . mas distinto na essência e na natureza; com subsistência real, substancial, distinta de Deus, de quem ele derivou todos os seus poderes e títulos; constituído debaixo dele, e sujeito à vontade dele em todas as coisas. O Pai é supremo; o Filho é subordinado: o Pai é a fonte do poder; o Filho, o recipiente: o Pai origina; o Filho, como seu ministro ou instrumento, executa. Eles são dois em número, mas concordam, ou são um, na vontade; a vontade do Pai sempre prevalece sobre a do Filho.”⁵¹

O discurso da divindade de Jesus por Justino

O Capítulo XLVIII. A divindade de Cristo. Trifão exige que seja estabelecido que Ele é o Cristo. E Trifão disse: “Ouvimos o que você disse sobre estas questões. Retomemos o discurso de onde parou, e vamos colocar um fim nisso. Para alguns, parece-me ser paradoxal, e totalmente incapaz de se provar. Quando você diz que esse tal de Cristo existiu como Deus, antes dos séculos, então, porque ele submeteu a nascer e tornar-se o homem, ainda que ele não era homem do homem, esta [declaração] parece-me ser não apenas um paradoxo, mas também tola .”

E eu respondi: “Eu sei que a afirmação parece ser paradoxal, especialmente para aqueles que estão sempre dispostos a entender ou executar as [exigências] de Deus”.¹⁴⁸

⁴⁹Cf. Alexander Roberts e James Donaldson, *The Ante-Nicene Fathers*, 1885, Volume I, pag. 264.

⁵⁰*Ibid.*, pag. 164.

⁵¹Cf. Lamson, *The Church of the First Three Centuries*, pag. 73-4, 76.

¹⁴⁸Comp. Isa. xxix. 13.

“Agora, Trifão, eu continuarei [a prova] que este homem ¹⁴⁹ é o Cristo de Deus e não falha, apesar de eu não ser capaz de provar que Ele existiu anteriormente como Filho do Criador de todas as coisas, sendo Deus, e nasceu por uma virgem sem a participação de um homem”.

“Mas desde que eu certamente provei que esse homem é o Cristo de Deus, ou quem quer que seja, mesmo que eu não prove a sua pré-existência e sabendo que todo homem ao nascer homem está condicionado às mesmas paixões que nós, tendo um corpo, de acordo com a vontade do Pai, neste último caso digo que errei, não em negar que ele é o Cristo mesmo nascendo homem dos homens, mas Ele tornou-se Cristo por eleição segundo minha concepção”.

Irineu

Irineu defendeu uma visão do Pai, do Filho e do Espírito Santo?

Análise. Irineu, em sua obra *Contra as Heresias*, refutou heresias continuamente referindo-se à doutrina transmitida pelos Apóstolos e sua principal linha de argumentação diz respeito “a identidade do único Deus” sobre e contra as especulações gnósticas do vários deuses superiores. Em nenhum momento ele se referiu a uma pessoa três Deus. E o que é ainda mais revelador, Irineu não só repetidamente identificava o único Deus como o Pai de Jesus Cristo, como também declarava que “*somente o Pai*” era o Deus dos cristãos.

“A Igreja, embora dispersa através de todo o mundo, até aos confins da terra, recebeu dos apóstolos e seus discípulos esta fê: em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra (I, 10)”.

“A regra da verdade que temos, é que existe um Deus Todo-Poderoso ... Ele é o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, acima de quem não há outro Deus ... Ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, como iremos provar (I, 22)”.

“É apropriado, então, que eu deveria começar com a primeira e mais importante cabeça, isto é, Deus, o Criador, que fez o céu e a terra, e todas as coisas que nela há, e para demonstrar que não há nada acima ou após ele; nem que, influenciado por qualquer um, mas de Sua própria vontade, Ele criou todas as coisas, uma vez que Ele é o único Deus, o único Senhor, o único Criador, o único Pai, sozinho contendo todas as coisas, e mesmo comandando todas as coisas em existência (II, 1)”.

¹⁴⁹ Or, “such a man.”

“Agora, esse Deus é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o apóstolo Paulo também declarou: Há um só Deus, o Pai, que está acima de todos, e por todos e em todos [Efésios 4:6] (Livro II, 2)”.

“Considerai, todos os que inventam tais opiniões, uma vez que o próprio Pai é Alone (único), chamado Deus, que tem uma existência real, mas quem você estiliza de o Demiurgo; uma vez que, além disso, as Escrituras reconhecem a Ele, Alone (único), como Deus (II, 28)”.

“Mas há um só Deus, o Criador Ele é Pai , Ele é Deus, Ele é o Fundador, o Criador Ele é o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó Ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (II, 30)”.

“E, portanto, um só Deus, o Pai é declarado, o qual é sobre todos, e por todos e em todos. O Pai é, de fato, acima de tudo, e Ele é a Cabeça de Cristo. Mas a Palavra é através de todas as coisas, e é ele mesmo o cabeça da igreja, e o Espírito está em todos nós, e ele é a água viva, que o Senhor concede aos que creem justamente nele, e amá-lo, e que saibam que há um Pai, que está acima de todos, e por todos e em todos nós” (Livro V, 18).

Não só Irineu identifica o seu único Deus como o Pai de Jesus Cristo, ele mesmo disse repetidamente que “apenas” o Pai é o único Deus verdadeiro. Ainda mais, as afirmações acima negam completamente que Irineu acreditava em um Deus em três pessoas.

Apologistas trinitários tentam frequentemente afirmam que Irineu era trinitário e, em seguida, passam a relacionar alguns versos onde Irineu se refere a Jesus como “Deus”. Mas o que eles não informam é que Irineu também se referiu aos cristãos como “Deus” e “deuses” (III, 6; IV, Prefácio). Isso eles convenientemente se esqueceram.

Tertuliano

Análise. Tertuliano (160 a 230 d.C) foi o primeiro a usar a palavra latina *trinitas*. Conforme observado por Henry Chadwick, Tertuliano propôs que Deus é uma substância que consiste em três pessoas.⁵²

O conceito de Tertuliano sobre Pai, Filho e espírito santo era bem diferente da Trindade da cristandade, pois ele era subordinacionista. Ele considerava o Filho subordinado ao Pai. Na obra *Against Hermogenes* (Contra Hermógenes), ele escreveu: “Não devemos supor que haja algum outro ser, exceto unicamente Deus, que seja não gerado e incriado... Como pode algo, exceto o Pai, ser mais velho, e por isso deveras mais nobre, do que o Filho de Deus, o Verbo unigênito e primogênito?... Esse [Deus] que não precisou de um Criador para lhe dar existência, será muito mais elevado em categoria do que [o Filho] que teve um autor que o trouxe à existência.”⁵³

“Assim, o Pai é distinto do Filho, sendo maior do que o Filho, na medida em que aquele que gera é um, e aquele que é nascido é outro. Ele, também, que manda é um só, e ele que é enviado é outro (Contra Praxeas, 9)”.

“Porque o Pai é toda a substância, mas o Filho é uma derivação e parcela do todo, como ele mesmo confessa...: Meu Pai é maior do que eu.... No Salmo sua inferioridade é descrita como sendo um pouco menor que os anjos.... Assim, o Pai é distinto do Filho, sendo maior do que o Filho, na medida em que aquele que gera é um, e aquele que é nascido é outro. Ele, também, quem manda é um só, e ele que é enviado é outro, e ele, mais uma vez, que faz é um só, e ele por meio do qual a coisa é feita, é outro (Contra Praxeas, 9)”.

Tertuliano estava se referindo à “substância” de Deus e indicando que o Filho era inferior ao Pai. Isso não chega nem perto do Trinitarianismo clássico.

⁵²Cf. Henry Chadwick, *The Early Church*, 1980, pag. 89.

27. *Ibid.*, pag. 603-604.

⁵³Cf. *The Ante-Nicene Fathers*, Volume III, pag. 487.

Será que essas passagens provam a Trindade?

Algumas pessoas, buscando reforçar sua crença na Trindade, apontam para um número de passagens bíblicas que supostamente mostram Pai, Filho e Espírito Santo operando em conjunto, como uma Trindade.

Mas essas passagens realmente mostram isso? Deve-se ter a certeza de ler exatamente o que estes versículos dizem e o que eles não dizem, e não ler apenas para as próprias suposições equivocadas. A doutrina da Trindade assume que Pai, Filho e Espírito Santo são três pessoas co-iguais em um ser divino.

1. Mateus 3, 16-17: Quando Ele foi batizado, Jesus saiu logo da água; e eis que os céus se abriram, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E de repente veio uma voz do céu, dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”.

Análise. Uma suposta indicação da trindade: O Filho é batizado, o Espírito desce sobre Ele e o Pai emite uma declaração do céu. No entanto, não há nenhum indício de três pessoas em um único ser como a doutrina da Trindade afirma, e o Espírito não é revelado ou representado como pessoa.

A abertura dos céus no batismo de Jesus é uma característica proeminente do Testamento de Levi 18 e do Testamento de Judá 24.⁵⁴

Justino curiosamente omite o registro (Dial. 88). Ele, no entanto, fala que um fogo acendeu no Jordão. Este fogo ou luz também aparece nos Manuscritos Latinos antigo, g1 em Mt 3:15, bem como no Evangelho segundo os Ebionitas (Epiphanius, *Haer.* 30:13), como também Taciano, Diatessaron (também Cirpiano, *Tractatus de rebaptismate*); o *Oráculo Sibilino* 7:82–5; e a liturgia siríaco de Severo. Talvez nesses lugares se esteja a pensar na Shequina, deve se recordar os textos rabínicos, que concebem o Espírito Santo como uma luz ou fogo.⁵⁵

Se a voz que ecoou no céu é fato porque as pessoas que ali presentes estavam não se espantaram? Pois não há nenhuma atestação da observação sobre o espanto ou admiração das outras pessoas presentes.

⁵⁴Cf. M. de Jonge, ‘*Christian Influence on the Testaments of the Twelve Patriarchs*’, *NovT* 4 (1960), pag. 99–117, and M. A. Chevallier, *L’Esprit et le Messie dans le Bas-Judaïsme et le Nouveau Testament*, Paris, 1958, pag. 125–30; against A. Hultgard, ‘The Ideal “Levite”, the Davidic Messiah and the Saviour Priest in the Testaments of the Twelve Patriarchs’, in *Ideal Figures in Ancient Judaism*, SBLSCS 12, ed. J. J. Collins and G. W. E. Nickelsburg, Chico, 1980, pp. 93–110.

⁵⁵Cf. W. D. Davies, *Paul and Rabbinic Judaism*, rev. ed., Philadelphia, 1980. pag. 187. Talmude Babilônico *Mak.* 23a

Análise da narrativa de João 1.32,33.

ἐμαρτύρησεν. Este testemunho, como denota o aoristo, foi entregue em um momento definido. O testemunho é no sentido de que João viu uma pomba ou pombo pousar sobre Jesus em seu batismo. Não há nenhum indício de uma visão espiritual, pois o verbo *θεάομαι* (contemplar) é sempre usado no Novo Testamento de ver com os olhos do corpo.

A pomba.

O incidente está relacionado de forma diferente em Marcos (1:10), o qual implica (como faz Mt. 3:16) que o próprio Jesus viu o Espírito descendo como pomba. Lucas 3:22 não diz que viu, mas todos concordam que uma pomba foi visto, as palavras de Lucas, *σωματικῶ εἶδει* (em corpórea forma) da ênfase sobre a natureza objetiva e física do incidente. Todos os evangelistas concordam que uma pomba desceu sobre Jesus no ato do seu o batismo. A pomba foi considerada na Palestina como um pássaro sagrado. Xenofonte (*Anab.* i. iv. 9) relata que não era lícito caçar pombas na Síria; e isto é sugerido por Tibullus (i. 7. 17).

Além disso, a pomba era considerada entre os semitas como um símbolo do Espírito. E pelos mestres judeus o Espírito que pairou sobre as águas primitivas (Gn 1, 2) foi comparado a uma pomba.⁵⁶ Daí se pode entender porque um pombo vindo sobre Jesus deveria ter sido considerado como o símbolo de uma descida do Espírito Divino.⁵⁷ As palavras atribuídas a João Batista são explícitas. Ele viu a pomba, e imediatamente reconheceu como o sinal que estava esperando (v. 33).

Omissão ou acréscimo?

Algumas outras divergências dos contos sinóticos do batismo devem ser observadas. João não diz nada dos céus abertos (Mc 1:10 e paralelos), ou da voz do céu (conforme ele atesta em 12:28). A narrativa de João parece ser mais primitiva do que a dos sinóticos.

καὶ ἔμεινεν ἐπ' αὐτόν (permaneceu sobre ele). Um detalhe não encontrado nas narrativas sinóticas, talvez uma conjectura de Isa. 11: 2, onde se diz do rei messiânico, *ἀναπαύσεται ἐπ' αὐτόν πνεῦμα τοῦ θεοῦ*.⁵⁸ Jerônimo cita o seguinte trecho do Evangelho dos Hebreus: “Quando o Senhor chegou-se para fora da água, toda a fonte do Espírito Santo desceu e pousou sobre Ele, e disse-lhe: Meu filho, desde todos os profetas que eu estava à espera de ti para assim eu descansar em ti. Pois tu és o meu descanso, tu és o meu Filho primogênito que reina para sempre.”⁵⁹ A forma em que a pomba e a voz do céu no batismo de Jesus mencionados nas Odes de Salomão é curioso. Inicia se da seguinte forma: “A pomba flutuou sobre o Cristo, porque Ele era a cabeça, e ela cantou sobre ele e sua voz foi ouvida,” *sc.* No submundo (Ode xxiv).

⁵⁶ Quoted by Wetstein on Mt. 3:16 from *Chagiga*, 15A.

⁵⁷ Students of the fantastic science of *Gematria* have not failed to note that the arithmetical value of the letters in *περιστέρα* is 801, the same total as that represented by *αω* (Alpha and Omega). Cf. Irenæus, *Hær.* i. 14, 6, who gives this as a Gnostic fancy.

⁵⁸ Irenæus (*Hær.* iii. 17. 1) associates Isa. 11:2 with the Baptism of Jesus.

⁵⁹ *Diat.* 712 ff., for speculations as to why Jn. avoided the word *rest* and preferred *abide*.

2. 2 Coríntios 13:13. A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.

Análise. Como em todas as outras epístolas do corpus paulino, esta carta termina com um começo de carência e bênção com ἡ χάρις, e composto por três itens: Desejo (ES), fonte divina (s), e os destinatários.⁶⁰ Mas, nas outras cartas a bênção consiste simplesmente no desejo de que a graça de Cristo deva estar com os destinatários, aqui a bênção é expandido com referência ao amor de Deus e da κοινωμία do Espírito Santo.

Isso pode parecer uma fórmula trinitária, entretanto se trata de um hápax legomenon, pois é a única atestação na literatura paulina, a questão de saber é se a expressão não seria pós-paulina em sua origem? Pois Paulo nunca tratou dessa expressão em nenhum outro lugar.⁶¹

O principal ponto de discussão no âmbito do presente título é em termos gramaticais, ou seja, a questão gramatical em análise da força dos genitivos nos nomes. Na primeira frase, “a graça do Senhor Jesus [Cristo]”, o genitivo τοῦ κυρίου Ἰησοῦ [Χριστοῦ] é claramente subjetivo e expressa a origem da graça. Paulo ora para que Cristo conceda sobre os Coríntios a bênção do favor gracioso.⁶²

Da mesma forma, na segunda frase, “o amor de Deus”, τοῦ θεοῦ é subjetivo, ou seja, denota o amor de Deus para com o homem, em vez do amor do homem para com Deus. Este é o sentido mais naturalmente, no contexto de uma bênção.⁶³

A terceira frase, κοινωμία τοῦ ἁγίου πνεύματος, é ambígua. O genitivo subjetivo indica origem? Isto significa que κοινωμία é a comunidade cristã engendrada pela ação do Espírito. Ou o genitivo é objetivo? Nesse caso, κοινωμία se referem à participação dos fiéis no poder do Espírito. O que está em vista é a relação dos crentes uns com os outros. Realmente a bênção se refere à trindade? Não! Pois nada é dito ou implícito sobre o relacionamento mútuo das entidades entre os termos Pai, Filho e Espírito Santo.

Note que Paulo escreve que a comunhão é do Espírito Santo, e não com o Espírito Santo. Como 1 João 1: 3 diz: “a nossa comunhão é com o Pai e com o Seu Filho Jesus Cristo” e o Espírito Santo nem mencionado é.

⁶⁰Cf. Weima, *Endings*, pag. 78–83; see the table on p. 80. In the present instance there are textual variants which require discussion: see below, pag. 921.

⁶¹Cf. Barrett, pag. 343, suggests the possibility, although in his comments, pag. 344–5, he does not appear to treat the formula as post-Pauline.

⁶² On Paul’s understanding of grace, see the comment on 1:2, in Vol. I, pag. 97. On the subjective force of the genitive, see Furnish, pag. 583, who draws attention to the parallels in 8:9 and 12:9.

⁶³ Windisch, p. 428; Bruce, pag. 255; Barrett, pag. 344; Furnish, pag. 583; Martin, pag. 504.

3. Mateus 28.19. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Análise. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são mencionados juntos. Alguns dizem que isto subentende uma Trindade. Há algo nesses textos que diga que os três são um só Deus, que são iguais em eternidade, poder, posição e sabedoria?

Quanto a ver implicações trinitaristas, em Mateus 28:19, 20, no uso de “nome” no singular para o Pai, o Filho e o Espírito Santo, convém examinar o uso de “nome”, singular, para Abraão e Isaque, em Gênesis 48:16.

Análise crítico de Mateus 28.19

βαπτίζοντες αὐτοὺς εἰς τὸ ὄνομα τοῦ πατρὸς καὶ τοῦ υἱοῦ καὶ τοῦ ἁγίου πνεύματος.

A evidência primária que não há uma menção tripartida se vê na obra de Eusébio História Eclesiástica, Livro III.5.ii: cuja ênfase sobre o cristianismo como uma religião mundial levou a citar vários textos das Escrituras e o mesmo citou “dezesseis vezes” a seguinte fórmula de Mt 28.19:

“Estêvão foi apedrejado até a morte, depois dele Tiago, o filho de Zebedeu e irmão de João, foi decapitado, e, finalmente, Tiago o primeiro que tinha obtido a sede episcopal em Jerusalém depois da ascensão de nosso Salvador, morreu na maneira já descrita. Mas o resto dos apóstolos; tinham sido expulsos da terra da Judéia, foram a todas as nações para pregar o Evangelho, confiando no poder de Cristo, que lhes disse: *Ide e fazei discípulos de todas as nações em meu nome.*”⁶⁴

O Batismo cristão indicava uma fórmula monódica consistente em nome de Jesus:

Ὡς οὖν ἔγνω ὁ Ἰησοῦς ὅτι ἤκουσαν οἱ Φαρισαῖοι ὅτι Ἰησοῦς πλείονας μαθητὰς ποιεῖ καὶ βαπτίζει ἢ Ἰωάννης Jo 4:1

Como, portanto soube o Jesus que ouviram os fariseus que Jesus mais discípulos faz e batiza do que João.

καίτοιγε Ἰησοῦς αὐτὸς οὐκ ἐβάπτισεν ἀλλ’ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ Jo 4:2

Se bem que Jesus mesmo não batizava pelo contrário os discípulos dele

καὶ βαπτισθήτω ἕκαστος ὑμῶν ἐπὶ τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ Χριστοῦ At 2:38

E seja batizado cada de vós sobre o nome de Jesus Cristo

βεβαπτισμένοι ὑπῆρχον εἰς τὸ ὄνομα τοῦ κυρίου Ἰησοῦ. At 8:16

Tendo sido batizados substituíam para o nome do Senhor Jesus

προσέταξεν δὲ αὐτοὺς ἐν τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ Χριστοῦ βαπτισθῆναι At 10:48

Pôs em ordem, porém os em o nome de Jesus Cristo ser batizados

⁶⁴ Cf.B. J. Hubbard, *The Matthean Redaction of a Primitive Apostolic Commissioning* (SBLDS 19), pag. 163–64, 167–75; and Jane Schaberg, *The Father, the Son, and the Holy Spirit* (SBLDS 61), pag. 27–29.

ἀκούσαντες δὲ ἐβαπτίσθησαν εἰς τὸ ὄνομα τοῦ κυρίου Ἰησοῦ, At 19:5

Tendo ouvido, porém, foram batizados em o nome do Senhor Jesus

ἢ ἄγνοεῖτε ὅτι, ὅσοι ἐβαπτίσθημεν εἰς Χριστὸν Ἰησοῦν, εἰς τὸν θάνατον αὐτοῦ ἐβαπτίσθημεν, Rom 6:3

Ou não conheceis que quantos fomos batizados em Cristo Jesus, em a morte dele fomos batizados?

ἢ εἰς τὸ ὄνομα Παύλου ἐβαπτίσθητε; 1Co 1:13

Ou a o nome de Paulo fostes batizados?

ὅσοι γὰρ εἰς Χριστὸν ἐβαπτίσθητε, Χριστὸν ἐνεδύσασθε. Gal 3:27

Quantos, pois, para Cristo fostes batizados, Cristo puseste em

Se Jesus deu a fórmula trinitária, por que foi encurtada?

βαπτίζοντες αὐτοὺς εἰς τὸ ὄνομα τοῦ πατρὸς καὶ τοῦ υἱοῦ καὶ τοῦ ἁγίου πνεύματος.⁶⁵

A dificuldade desse versículo como verdadeiro já se encontra em uma regra gramatical, pois como se trata de dois nomes pessoais o vocábulo “nome” deveria estar no plural, τὰ ὀνόματα. A alternativa é supor que o nome revela um poder o qual foi compartilhado pelo Pai com Jesus e o Espírito, e há textos antigos que falam do Pai que dá seu nome a Jesus (Fili 2:9; Evangelho da verdade 38:5–15). Mas não se tem conhecimento de textos comparáveis sobre o Espírito.

Não se vê nenhum desenvolvimento Trinitário no primeiro Evangelho. Mas certamente intérpretes posteriores procuraram afirmar na formulação batismal uma igualdade implícita entre Pai, Filho e Espírito Santo; por exemplo Basílio Magno, *Hom. Spir.* 10:24; 17:43.⁶⁶

⁶⁵ Conybeare and Kosmala (v) have argued that the original text was: ‘Then going make disciples of all nations in my [that is Jesus’] name.’ Cf. Flusser (v) (arguing from an Islamic source), Howard (v) (arguing from the fourteenth-century *Eben Boḥan* of Shem-Tob ben-Isaac ben-Shaprut). Although there is no support from the Greek mss. or versions for this judgement, our verse does not contain a typical NT baptismal formula. Further, Eusebius of Caesarea, whose emphasis upon Christianity as a world-wide religion led him to cite our text often, quotes it sixteen times as given above. For discussion see Hubbard (v), pag. 151–75, who shows Eusebius’ habit ‘of quoting the NT inexactly and of combining or at least grouping in close proximity passages which relate in some way to each other.’ Additional discussion in Chase (v); Riggenbach (v). Patristic texts are collected in Zaphiris, pag. 908–16. For other early liturgical references to ‘the Father, Son and Holy Spirit’ see Did. 7:1–3; IgnatiusMagn; 13:2 cf. 1 Cor 12:4–6; 2 Cor 13:14; Od Sol. 23:22. If Did. 7:1–3 draws upon Matthew then it is early evidence for the received reading. If it does not, the Didache establishes that baptism in the name of the Father, Son, and Holy Spirit was already known early enough in Syria to have been an original part of Matthew.

⁶⁶ Theophylact, *ad loc.*, contending that Father, Son, and Holy Spirit share one name, God.

4. I Jo 5.7-8. Pois há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. V.8. E três são os que testificam na terra: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes num só propósito.

Análise. Após μαρτυροῦντες o Textus Receptus adicionou o seguinte: ἐν τῷ οὐρανῷ, ὁ Πατήρ, ὁ Λόγος, καὶ τὸ Ἅγιον Πνεῦμα· καὶ οὗτοι οἱ τρεῖς ἓν εἰσι. (8) καὶ τρεῖς εἰσιν οἱ μαρτυροῦντες ἐν τῇ γῆ. Que estas palavras são falsas e não têm o direito de ficar no Novo Testamento, é certo, à luz das seguintes considerações.

4.1. Evidência externa. A passagem está ausente em cada manuscrito grego conhecido, exceto oito, e estes contêm a passagem o qual parece ser uma tradução de uma recensão final da Vulgata Latina. Quatro dos oito manuscritos contêm a passagem com variação na leitura escrita na margem de uma adição posterior do manuscrito. Os oito manuscritos são:

61:	Codex Montfortianus, datando do início do século XVI.
88 ^{v.r.} :	leitura variante, século XVI, somado ao século XIV Codex Regius de Naples.
221 ^{v.r.} :	leitura variante adicionado a um manuscrito do século X no Bodleian Library at Oxford.
429 ^{v.r.} :	Leitura variante adicionado a um manuscrito do século XVI, em Wolfenbüttel.

636 ^{v.r.} :	leitura variante adicionado a um manuscrito do século XVI, em Nápoles.
918:	manuscrito do século XVI, no Escorial, na Espanha.
2318:	manuscrito do século XVIII, influenciado pela Vulgata Clementina.

(2) A passagem não é citada por nenhum dos Pais gregos, que, se a tivessem compreendido, certamente teriam empregado na controvérsia trinitária (Sabelianismo e arianismo). Sua primeira aparição em grego está em uma versão grega do (Latin) Atos do Concílio de Latrão, em 1215.

(3) A passagem está ausente nos manuscritos de todas as versões antigas (síriaca, copta, armênio, Etíope, árabes, eslava), com exceção do latim; entretanto não foi encontrado no Antigo Latim em sua forma primitiva (Tertuliano, Cipriano, Agostinho), ou na Vulgata poro Jerônimo.

A primeira instância da passagem a ser citada como uma parte do texto da epístola é em um tratado no latim do século IV intitulado Liber Apologeticus (cap. 4), atribuído tanto para o herege espanhol Prisciliano (morto cerca de 385) ou para seu seguidor Bispo Instantius.

Aparentemente, a glosa surgiu quando a passagem original foi entendida para simbolizar a Santíssima Trindade (através da menção de três testemunhas: o Espírito, a água e o sangue), uma interpretação que pode ter sido escrito primeiro como uma nota marginal que depois encontrou o seu caminho no texto. No século V a glosa foi citada por Padres latinos no norte da África e na Itália, como parte do texto da Epístola, e desde o século VI em diante ela é encontrada frequentemente em manuscritos da Velha Latina e da Vulgata.

4.2. Evidência interna. (1) Em relação à probabilidade de transcrição, se a passagem fosse original, nenhuma boa razão pode ser encontrada para explicar a sua omissão, seja acidental ou intencionalmente, por copistas e centenas de manuscritos gregos, e por tradutores das versões antigas. (2) No que se refere probabilidade intrínseca, a passagem faz uma pausa estranha no sentido.⁶⁷

5. Gen 1.26. Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.

Análise. A forma plural do verbo tem sido objeto de muita discussão ao longo dos anos. Muitos teólogos cristãos interpretam como um indício precoce de pluralidade na Divindade, mas esta visão impôs o conceito mais tarde trinitário no texto antigo.

Alguns sugeriram o verbo no plural indica majestade, mas o plural de majestade não é usado com verbos. C. Westermann (Gênesis, 1: 145) defende um plural de “deliberação” aqui, mas seus exemplos propostos para este uso (2 Sam 24:14, Is 6, 8) realmente não apoiam sua teoria.

Em 2 Sam 24:14 Davi usa o plural como sendo o representante de todo o Israel, e em Isaías 6: 8 o Senhor fala em nome de sua corte celestial. No seu antigo contexto israelita o plural é naturalmente entendido como se referindo a Deus e à sua corte celestial (1Rs 22: 19-22; Jó 1: 6-12; Jó 2: 1-6; Isaías 6: 1-8).

Os membros mais conhecidos deste tribunal são mensageiros de Deus, ou seja, os anjos. A serpente pode referir-se a este grupo como se vê em Gn 3.5. Se este for o caso, Deus convida a corte celestial para participar da criação da humanidade (talvez no papel de oferecer louvor, Jó 38: 7), mas ele mesmo é quem faz o trabalho criativo real (Gen 1:27).

É claro que essa visão assume que os membros da corte celestial possuíam a "imagem" divina de alguma forma. Como a imagem está intimamente associada com o governo, talvez eles compartilhem a imagem divina na medida em que, juntamente com Deus e sob a sua autoridade real, eles executam suas decisões.

⁶⁷ Para a história de como as palavras espúrias chegou a ser incluído no Textus Receptus, ver qualquer comentário crítico em 1 João, ou Metzger, *The Text of the New Testament*, pag. 101 f.; cf. also Ezra Abbot, “I. John v. 7 and Luther’s German Bible,” in *The Authorship of the Fourth Gospel and Other Critical Essays* (Boston, 1888), pag. 458–463.

Paulo e a Trindade

Se existisse uma Trindade, com certeza Paulo, que supostamente escreveu a maior parte dos fundamentos teológicos da Igreja primitiva, teria compreendido e ensinado esse conceito.

No entanto, não se encontra tal ensinamento em seus escritos. Além disso, o padrão de Paulo em suas saudações de forma consistente menciona “Deus e Jesus”.

No entanto, em cada uma de suas saudações ele nunca menciona o Espírito Santo! (O mesmo pode ser dito de Pedro nas saudações de ambas as suas epístolas.)

O mesmo cumprimento, com apenas pequenas variações, aparece em todas as epístolas que leva o nome de Paulo.

- "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (Romanos 1: 7).
- "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (1 Coríntios 1: 3).
- "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (2 Coríntios 1: 2).
- "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (Gálatas 1: 3).
- "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (Efésios 1: 2).
- "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (Filipenses 1: 2).
- "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (Colossenses 1: 2).
- "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (1 Tessalonicenses 1: 1).
- "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (2 Tessalonicenses 1: 1-2).
- "Graça, misericórdia e paz da parte de Deus nosso Pai e de Jesus Cristo, nosso Senhor" (1 Timóteo 1: 2).

Graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.

(2 Timóteo 1: 2).

- "Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo nosso Salvador "

(Tito 1: 4).

- "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (Filemom 3).

O Espírito Santo é sempre deixado de fora dessas saudações-uma inacreditável e supervisão inexplicável se o Espírito eram de fato uma pessoa ou entidade co-igual com Deus Pai e de Cristo! Isto é ainda mais surpreendente quando se considera que as congregações a que Paulo escreveu tinham muitos membros gentios de fundos politeístas que anteriormente haviam adorado numerosos deuses.

6. Rom 15:30: “Rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus por mim.”

Análise. Mais uma vez, só vemos que Jesus, o Espírito e Deus, o Pai existe — Não que eles formam um ser trino. “O amor do Espírito” é o amor que vem do Espírito — amor, um fruto do Espírito Santo (Gal 5:22), que está sendo derramado nos corações humanos através de meios do Espírito (Rom 5:5). Isso não diz nada da personalidade do Espírito.

7. 1 Ped 1:2: “eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo.”

Análise. Este versículo começa com os cristãos de serem escolhido através da determinação antecipada do Pai e termina com o perdão através do sacrifício de Cristo.

O meio do versículo diz que nós somos santificados-intencionado “separado”— por meio do Espírito Santo. Isso não diz nada sobre a personalidade do Espírito. Separando pode ser conseguido de várias maneiras. No entanto, a definição neste contexto diz respeito a ser feito reto diante de Deus, o que inclui o Seu Espírito nos capacitar a obedecê-lo.

Ainda assim, isto não requer que o Espírito Santo seja uma pessoa e sim uma fonte do poder de Deus. Mais uma vez, Pai, Filho e Espírito Santo operam em preservar uma vida cristã, mas isso não implica nenhuma doutrina trinitária.

A Natureza do Espírito Santo

Outra discordância centrada em torno da questão da trindade foi a natureza do Espírito Santo. A este respeito, o comunicado emitido no Concílio de Nicéia foi, “Cremos no Espírito Santo.” Isto “parece ter sido adicionado ao credo de Atanásio como uma reflexão tardia,” Karen Armstrong escreve: “As pessoas estavam confusas sobre o Espírito Santo. Foi simplesmente um sinônimo para Deus ou foi algo mais?” (p. 115).

Professor Ryrie escreve, “Na segunda metade do século IV, três teólogos da província da Capadócia, no leste da Ásia Menor [hoje região central da Turquia] deu forma definitiva para a doutrina da Trindade” (p. 65). Eles propuseram uma ideia que foi um passo além de Atanásio na visão de que Deus, o Pai, Jesus, o Filho e o Espírito Santo eram co-iguais e, juntos em um único ser, mas também distintos um do outro.

Karen Armstrong explica, “Trindade só fazia sentido como uma experiência mística ou espiritual... *Não foi uma formulação lógica ou intelectual, mas um paradigma imaginativo que confundiu a razão.* Gregório de Nazianzo deixou isso claro quando explicou que a contemplação dos Três em Um induziu uma emoção profunda e avassaladora que confundiu o pensamento e clareza intelectual. (p. 117).

Definição etimológica do vocábulo Espírito no hebraico.

רוּחַ: SamP. *rū*. A derivação etimológica tradicional, embora incerto, é a partir de רוּחַ, com especial referência ao Árabe *rāḥa*, como se vê em Gesenius-B.; König *Wb.* 435^a.

Koehler Baugartnert contrasta com um nome próprio usado como uma palavra onomatopaica. *Tomas* relata “vento, direção do vento, do ar, do espírito, demônio”, como também manuscritos do mar morto⁶⁸, o *Aramaico* de tradição babilônica⁶⁹ como também o *Aramaico Antigo* registra רוּחַ אַפּוּהַ para o mesmo fim. Existe a tradução de “tormenta” como no *Aramaico Bíblico*, já o *Púnico* se tem *rḥ* “espírito”⁷⁰ O *Ugarítico* registra *rḥ* com o significado de “vento, vapor”⁷¹. O *Siríaco* relata *rūḥā*; com o significado de “vento, brisa, espírito, respiração”⁷².

⁶⁸Cf. D.W. Thomas ZS 10 (1935) pag. 311-314, Jenni-W. *Handwörterbuch* 2:727. F. Nötscher *Fschr. Robert*, pag. 305-315.

⁶⁹Cf. Jewish Aramaic; JArm.^b Jewish Aramaic of the Babylonian tradition; JArm.^g Galilean tradition; JArm.^t Targumic tradition; → HAL Introduction; Kutscher *Fschr. Baumgartner* 158ff, Donner-R. *Inschriften* 224:2, 2: pag. 266.

⁷⁰Cf. Donner-R. *Inschriften* 79:11; Jean-H. *Dictionnaire* 276; Hoftijzer-Jongeling *Dictionary* 1065, *rḥ* I

⁷¹Cf. Gordon *Textbook* §19:2308; Aistleitner 2494; Driver *Myths*² 157b

⁷²Cf. Christian Palestinian Aramaic; → Schulthess *Gramm*

O *Palmireno* relata a forma *rwḥ* com o significado de “espírito”.⁷³ No Acadiano a palavra correspondente é *šāru* (*m*) com o significado de vento, respiração, brisa⁷⁴.

Estatísticas: o vocábulo רִיחַ é atestado por 387 vezes; e não é atestado em Levítico, Obadias, Naum, Rute, Cantares e Ester; entretanto no livro de Ezequiel é atestado por 52 vezes, 51 em Isaías, 39 Salmos, 31 em Jó.⁷⁵

Na Septuaginta: πνεῦμα é atestado por 277 vezes, ἄνεμος 52 vezes, θυμός 6 vezes, πνοή 4 vezes, ψυχή duas vezes, νοῦς uma vez, φρόνησις uma vez, רִיחַ significa ar em movimento, um sopro, brisa, vento, o nada, espírito, sentido.⁷⁶ Geralmente רִיחַ é feminino, só raramente é masculino, como em Ex 10.13,19; Nu 11.31; Is 57.16; Jr 4.12; Ez 27.26; Sl 51.12; 78.39; Jó 4.15; 8.2; 20.3; 41.8⁷⁷.

1. רִיחַ brisa, hálito: — Ez 37.5,8,10; Is 42.5, רִיחַ אֱלֹהִים בְּאַפִּי o sopro de Deus (é) no meu nariz Jó 27.3. Ar (para respirar), respiração Jr 2.24; 14.6 (com שָׁאף); שָׁבָהּ רִיחוֹ ou seja, ele reviveu, ele recuperou-se Juz 15.19; ISam 30.12; רִיחוֹ ele não vai deixar minha respiração, Jó 9.18; לֹא הָיָה בָּהּ עוֹד רִיחַ a rainha de Sabá foi superada com espanto e não conseguia respirar 1Rs 10.5; II Cro 9.4; os ídolos não têm fôlego Jr 10.14; 51.17; אֵין רִיחַ בְּפִיהֶם; Sl 135.17; רִיחֵי רִיחֵי minha respiração Jó 19.17.

2. אַפִּי רִיחַ a respiração do nariz (de Deus) (ou seja, a sua ira) Jó 4.9; אַפִּי רִיחַ Ex 15.8, cf. שְׁפָתַי רִיחַ (paralelo com שִׁבְטֵי פִּי) Is 11.4; רִיחַ פִּי o sopro de sua boca (paralelo com בְּדַבָּרוֹ emenda textual) Sl 33.6; רִיחֵיכֶם o fôlego de seu desprezo (dos ímpios) Is 33.11.

3. O rei (מְשִׁיחַ יְהוּה) é רִיחַ אֶפְיָנוּ o fôlego da nossa vida Lam 4.20, cf. Akk. *šāri balāṭiya* El Amarna letter 141:2, pag. 1195f, לְכָל-בֶּשֶׂר הָרִיחַת a respiração total que vive em cada um dos membros da criação, ou seja, o fôlego de vida de toda a carne Nu 16.22; 27.16.

⁷³ Jean-H. *Dictionnaire* 276, *rh*; Hoftijzer-Jongeling *Dictionary* 1062, *rwḥ*, III: plural enfático *rwḥ* IV o mesmo que *rh* I espírito.

⁷⁴ Von Soden, Akkadian; often followed by references to AHW. or CAD, 1192f; Š/2: 133, *šāru*

⁷⁵ segundo o THAT 2:727.

⁷⁶ Septuagint; → Swete *Septuagint*, Göttingen Edition 1936ff; Rahlfs *Sept.*; Brooke-M. *OT in Greek*; Sept^A → BHS Prolegomena p. iv; Würthwein *Text* 75f (fourth ed.); Sept^{Ra} → Rahlfs *Septuaginta*

⁷⁷ Albrecht, *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, 16 (1896), pag. 42-44

5. רוח, o que significa um dos lados do mundo: רוח com קדים, צפון, דרום, Ez 42.16;19; ארבע רוחות, o *Acadiano* relata a expressão *šārī erbetti, erbetti šārī* os quatro ventos, isto é, os quatro lados do mundo, ou os quatro pontos cardeais.⁷⁸

6. רוח ou seja, o espírito natural da humanidade, como sentido, mente, quadro intelectual da mente (THAT 2:738-742): —a. רוח espírito Ez 11.5; 13.3; 20.32; Mal 2.15,16; Sl 32.2; 77.4; 78.8; Jó 6.4; 17.1

8. o espírito do Senhor (THAT 2:742-746): —a. Juz 3.10; 6.34; 11.29; I Sam 10.6; 16.13; 19.9; רוח יהוה אדני עלי, 63.14; Ez 11.5; Zac 6.8.

9. Espírito de Deus (אל, אלוה, אלהים): —a. רוח אלהים Gn 1.2; 41.38; Ex 31.3; 35.31; Nu 24.2; ברוח אלהים Ez 11.24; II Cro 15.1; 24.20; רוח אלוה Jó 27.3, רוח אל Jó 33.4. רוח אלהים מרחפת. Gn 1.2.

A *Septuaginta* registra πνεῦμα θεοῦ ἐφέρετο, já a *Vulgata* registra *spiritus Dei (super) ferebatur*,⁷⁹ e a *Peshita* *rūhēh d-allāhā mārḥḥapā*, Tg. *rūhā, min qādām ywy (וי) mənāššabā*,⁸⁰ possíveis representações são: — um vento forte, sopro; um vento divino (o que significa uma tempestade divina): um vento de Deus que sopra.⁸¹

10. Espírito Santo: —a. רוח קדשו Is 63.10; —b. רוח קדשו Sl 51.13: não é uma hipóstase, mas sim o poder de inspiração profética em Isaías, e em Salmos o poder de dar a vida, o espírito (vento) da vida.⁸²

⁷⁸Cf. Zimmern *Fremdwörter* 45; AHw. 233a; CAD Š/2: 136, *šāru* A 2 a

⁷⁹Vulgata; *Biblia Sacra Iuxta Latinam Vulgatam Versionem*, ed. R. Weber, Stuttgart 1969; *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Clemantinam*, Rome 1956.

⁸⁰ Würthwein Text 64ff (fourth ed. 86ff)

⁸¹Cf. W.H. Schmidt *Die Schöpfungsgeschichte der Priesterschrift* 81-84 (with bibliography); U. Westermann BK 1/1:147-149; O.H. Steck *Der Schöpfungsbericht der Priesterschrift* 233-238.

⁸²Cf. Caquot RHR 169 (1966) 147

Definição etimológica do vocábulo Espírito no grego.

πνεῦμα substantivo nominativo neutro singular

1. O significado do termo pneuma.

Derivado de πνέω, o substantivo verbal πνεῦμα significa a força natural e vital elementar.⁸³ Se visivelmente ou não reside na palavra de um poder efetivo e dirigido que se deve ao -μα, pois a ideia básica é de energia contida na raiz πνέω, este encontra expressão cosmologicamente representante em Platão e Fédon⁸⁴ quando no mito sobre a constituição da terra o movimento do vento e do processo de respiração são comparados: ὥσπερ τῶν ἀναπνεόντων ἀεὶ ἐκπνεῖ τε καὶ ἀναπνεῖ ῥέον τὸ πνεῦμα, οὕτω καὶ ἐκεῖ ζυναιωρούμενον τῷ ὑγρῷ τὸ πνεῦμα δεινούς τινας ἀνέμους καὶ ἀμηχάνους παρέχεται καὶ εἰσιδὸν καὶ ἐξιόν.⁸⁵

1.1. Vento. Homérico faz uso do vocábulo πνο(ι)ή, ocorrendo na poesia e prosa de Ésquilo⁸⁶ e Herodoto⁸⁷ (sobre Anaximenes⁸⁸ → 353, n.81⁸⁹), πνεῦμα é usado no macrocosmo fisicamente para o sopro do vento em seu movimento como uma força. πνεῦμα pode ser a “tempestade” que sopra poderosamente, onde o “vento” se levanta rapidamente e de forma inesperada e que pode ser favorável ou desfavorável.⁹⁰

Para alguns πνεῦμα é o agente de processos meteorológicos naturais o qual influencia o clima, a saúde e até mesmo o caráter humano.⁹¹

⁸³Cf. W. Porzig, “Bedeutungsgeschichtliche Studien,” *Idg. Forschungen*, 42 (1924), 226 f., 244 f.; also *Die Namen f. Satzinhalte im Griech. u. Idg.* (1942), 267 f.; cf. Schwyzer, I, 522, n. 13; Verbeke, 1 f., n. 1.

⁸⁴Cf. Plato, of Athens (428/7–348/7 B.C.), ed. J. Burnet, 1905. *Phaedo*. [Plato, of Athens], pag. 112b.

⁸⁵philosophy has only the general use in mind when from Emped. (Fr., 100, 21 and 24 [Diels, I, 347 ff.]) to Philo (Gig., 22) it defines πνεῦμα fairly consistently as κίνησις or ῥύσις ἀέρος (Ps.-Plat. Def., 414c; Aristot. Probl., 26, 2, p. 940b, 7) or as κινούμενος ἀήρ (Chrysipp. Fr., 471 [v. Arnim, II, 152, 31–35]) etc. (cf. Leisegang, *Hl. Geist*, 34 f.). It likes to combine with this the idea of a force or power which sweeps away by natural impulse: ὑπὸ βίας τοῦ πνεύματος, Aristoph. Nu., 164; cf. Hippocr. De Flatibus, 3 (CMG, I, 1, 92 f.); Polyb., 1, 44, 4. Philo Leg. All., I, 42 links herewith the distinction which he makes between πνεῦμα and πνοή in his exposition of Gn. 2:7, and which brings out a characteristic of πνεῦμα in the correlates ἰσχύς, εὐτονία and δύναμις.

⁸⁶Cf. Aeschylus, of Eleusis near Athens (525–456 B.C.), the first of the three great Attic dramatists, ed. U. v. Wilamowitz, 1915; Fragments, ed. A. Nauck in *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, 1889.

⁸⁷Cf. Herodotus, of Halicarnassus (c. 484–425 B.C.), the first real Greek historian, described as early as Cicero as the father of history. His work deals with the conflicts between the Greeks and the barbarians from earliest times to the Persian Wars, ed. H. Kallenberg, 1926 ff.

⁸⁸Cf. Anaximenes, of Miletus, Ionic natural philosopher of the middle of the 6th century B.C., ed. H. Diels in *Die Fragmente der Vorsokratiker*, I⁴, 1922.

⁸⁹Cf. K. Reinhardt, *Kosmos u. Sympathie* (1926), 209–213 has challenged the authenticity of the Anaximenes Fr. on good grounds. He has shown that the formulation is Stoic-Poseidonian. This view is supported by U. v. Wilamowitz-Moellendorff, *Der Glaube d. Hellenen*, 1 (1931), 374, n. 3. We find the same specifically Stoic use in a later pneumatic like Ps.-Gal., *Definitiones Medicae*, 96 (Kühn, 19, 372): ἕξις ἐστὶ πνεῦμα συνέχον καὶ συγκρατοῦν τὰ μέρη. But cf. W. Kranz, “Kosmos als philosophischer Begriff frühgr. Zeit,” *Philol.*, 93 (1939), 436; Jaeger, 48, 240 f., n. 62.

⁹⁰Xenoph. *Hist. Graec.*, VI, 2, 27; Aristoph. *Ra.*, 1002 f

⁹¹Cf. Hippocrates, of Cos (c. 460 B.C.), the founder of the scientific medicine of the Greeks. The authenticity of many of the works handed down under his name is disputed, ed. E. Littré, 1839 ff.; J. Ilberg and H. Kühlewein, 1899 ff.; J. L. Heiberg in *Corpus Medicorum Graecorum*, 1927.

1.2. Folego. Assim no microcosmo da vida orgânica, e especialmente em homens e animais, πνεῦμα é fisiologicamente o “folego”, que, mais uma vez tanto o processo e matéria, ou é inalado e exalado na respiração.⁹²

1.3. Vida. A respiração pode ser discernida apenas em movimento, e é também um sinal, a condição e um agente da vida. πνεῦμα em si deve assumir o sentido direto da “vida” ou “ser vivente”.

1.4. espírito. πνεῦμα assume o significado e a função de → ψυχή, “alma.” Em virtude de seu caráter relacionado com a respiração ou princípio de vida, πνεῦμα é em grande parte assimilado com ψυχή, e, portanto, ele pode ser facilmente utilizado em lugar dele,⁹³ de modo que Suidas finalmente, dá uma breve definição: πνεῦμα ἢ ψυχή τοῦ ἀνθρώπου.⁹⁴

Por um lado, πνεῦμα é um elemento (juntamente com terra, água e fogo) a partir do qual o corpo humano é feito.⁹⁵ Por outro lado, o ψυχή, está em contraste com o σῶμα com o qual está ligada a vida.⁹⁶

1.5. Espírito de Deus θεὸς πνεῦμα. Tal como acontece com tantos outros conceitos cosmológicos básicos (→ λόγος, → νόμος, → νοῦς), o desenvolvimento em grego profano atinge um clímax quando a filosofia religiosa do estoicismo πνεῦμα era um poder ou substância cósmica e universal.⁹⁷ É usado linguisticamente para o ser e manifestação da própria divindade.⁹⁸

⁹² *Orestes. Phoenissae.* Thucydides, of Athens (c. 460–396 B.C.), the classic historian of the Greeks, who as a contemporary wrote a history of the Peloponnesian War, ed. C. Hude, 1898 ff. *Timaeus.* [Plato, of Athens]

⁹³ Cf. Xenophanes Fr., 1 (Diels⁷, I, 113, 28); Zeno Fr., 136 (v. Arnim, I, 38, 6–9), 140 (I, 38, 30–33). 715 (II, 205, 10–15), 774 (II, 217, 13–17), 798 (II, 221, 3–5); Epict. Diss., III, 3, 22.

⁹⁴ Cf. It is worth noting that the development of the Gk. view of the soul was in terms of → ψυχή rather than πνεῦμα, cf. W. Jaeger, *D. Theol. d. frühen griech. Denker* (1953), esp. 88–106, 241 f., n. 63.

⁹⁵ Cf. Epictetus, Phrygian slave of Hierapolis in the days of Nero (50–130 A.D.), freed at the imperial palace, Stoic of the younger school and preacher of ethics tinged with religion. From his lectures his pupil Arrian collected 8 books of diatribes which have been preserved, ed. H. Schenkl², 1916. III, 13, 14 f.

⁹⁶ Demosth. Or., 60, 24: τὰ τε τούτων πνεύματ' ἀπηλλάγη τῶν οικείων σωμάτων, Epict. Diss., II, 1, 17: θάνατος τί ἐστι; ... τὸ σωματίον δεῖ χωρισθῆναι τοῦ πνευματίου, ὡς πρότερον ἐκεχώριστο.

⁹⁷ Ps.-Aristot. *Mund.*, IV, 10, p. 394b, 8 ff

⁹⁸ Arnim, II, 1027; Sext. Emp. *Pyrrh. Hyp.*, III, 218 [v. Arnim, II, 1037]; Tert. *Apol.*, 21, 10; Orig. *Cels.*, 6, 7.

2. πνεῦμα na mitologia e religião.

2.1. πνεῦμα criação e vida. O conceito de πνεῦμα no mundo grego se desenvolveu com base previsto em modalidades específicas de uso geral e nas primeiras noções de crença religiosa popular sobre a conexão direta e abrangente do ser e da operação entre o vento, respiração, alma e o poder de geração, vida e espírito.⁹⁹

Em primeira instância, essas idéias são, em parte, expressa por sinônimos mais antigos ou contemporâneos relacionados no caule ou sentido, e.g., πνομή, ἐπίπνοια, ἐπίπνοιας, εἰς-, ἐμ-, ἐπιπνέω, ἄνεμος, ἀήρ, ψυχή, que são posteriormente sistematizados sob o único termo πνεῦμα. O conceito de poder cosmogônico-criar a vida generativa é, portanto, generalizada na mitologia primitiva.¹⁰⁰

2.2. πνεῦμα e inspiração. A visão religiosa do pneuma tem um significado especial em Apolônio sobre inspiração, adivinhação e profecia. Só muito mais tarde, a partir do 1 d.C que o vocábulo πνεῦμα passa a não ter influência estoica e é utilizado em discussão sobre a natureza da adivinhação e inspiração. πνεῦμα é a força material cujo fôlego define a pitonisa em um estado de êxtase de preenchimento profético com a divindade.¹⁰¹ Teologicamente significativo é a idéia de que πνεῦμα é a causa e a fonte de expressão de êxtase¹⁰² em que a sacerdotisa se torna tão diretamente a “voz divina”. O ir e vir do πνεῦμα são caracteristicamente associada com efeitos do φωνή, por exemplo, o som de um instrumento de sopro, ou discurso extático da Sibila.¹⁰³

Do ponto de vista da fenomenologia religiosa o Novo Testamento testemunha a mesma combinação original quando ele constantemente liga πνεῦμα e προφητεύειν (Lc. 1:67; 2 Pd. 1:21 etc.), ou quando se refere a falar em línguas como um dom do Espírito.¹⁰⁴

⁹⁹ This sphere has hardly yet been considered as a whole, not even in R. Muth, *Träger der Lebenskraft, Ausscheidungen d. Organismus im Volksglauben d. Antike* (1954). Yet breath in comparison with seed, blood, tears, sweat, spittle, urine and excrement is the physically most refined and least material secretion of the organism which is thus particularly well adapted to represent spiritual powers not merely substantially but also in terms of their impartation and operation. Of basic importance in this connection is Plut. *Quaest. Conv.*, V, 7, 2 (II, 680 f–681a). Cf. also Fehrle, 85–89; S. Eitrem, *Opferritus u. Voropfer d. Griechen u. Römer* (1914), Index, s.v. “Hauch”; Leisegang, *Hl. Geist*, 50–54; W. Aly, Art. “blasen,” *Handwörterbuch d. deutschen Aberglaubens*, I (1927), 1354–1360; F. X. Lukmann, “Das Anblasen des Teufels beim Taufgelöbnis,” *Festschr. f. Rudolf Egger*, I (1952), 343–346.

¹⁰⁰ Cf. E. Riess, Art. “Aberglaube,” *Pauly-W.*, I (1894), 42; Leisegang, *Pneuma Hagion*, 71; W. Schmid, *Gesch. d. gr. Lit., Hndbuch kl. AW*, VII, 1, 2 (1934), 440, n. 7 (with refs. and bibl. for Soph. Fr., 477, ed. A. C. Pearson² [1917], 130f.); V. Lundström. “Mons Tagrus,” *Eranos*, 37 (1939), 84; Nilsson, I (1941), 655, n. 1; S. Morenz, “Ägypten u. d. altorthische Kosmogonie,” *Aus Antike u. Orient* (1950), 71–103. On the historical position of Orphism as a new and speculative stage of the religious thought of Greece reached in conflict with contemporary, rational, Ionic science, cf. the basic work of Jaeger (→ n. 6), 69–87.

¹⁰¹ In contrast Philo describes as a προφητικὸν πνεῦμα the comparable gift of divination given to Moses or some other chosen προφήτης, *Fug.*, 186. He thus coins a linguistic expression for his very different view of pneuma, cf. Verbeke, 250–257.

¹⁰² It is worth noting that secular antiquity does not speak of inspired writing, θεόπνευστος γραφή (2 Tm. 3:16; cf. Orig. *Cels.*, 5, 60: τὰ μὲν βιβλία θεῶν γεγράφθαι πνεύματι ὁμολογοῦμεν) → 454, 14 ff.

¹⁰³ Cf. P. Vergilius Maro, of Andes near Mantua (70–19 B.C.), the greatest epic and national poet of Rome in the Augustan era, 6, 82 ff

¹⁰⁴ Cf. S. Eitrem, “Orakel u. Mysterien am Ausgang d. Antike,” *Albae Vigiliae*, NF, 5 (1947), 42. G. Dellling, however, links glossolalia with Dionysiac enthusiasm such as that in Eur. *Ba.*, *Der Gottesdienst im NT* (1952), pag. 39–47.

Ou quando ele fala do espírito imundo clamando que sai do homem ou do Espírito Santo, que lhe enche. As características da experiência do espírito divino aqui não são diferentes daqueles encontrados no Novo Testamento e na história de Pentecostes (At. 2: 1-4), como também o episódio com Nicodemos (Jo. 3: 1-8), ou o surto de línguas na igreja em Corinto (1 Cor. 12-14).

πνεῦμα tem um efeito libertador. Ele descreve e revela o que estava escondido, desconhecido, e, assim, estabelece uma relação com a verdade das coisas. Vindo de forma irregular, sem mediação, embora basicamente não inesperado, πνεῦμα é algo que o homem não controla como uma posse de espírito; ao contrário, ele próprio é passivamente possuído por ele. A fonte da experiência do espírito não é concedido a todos, mas só para as almas escolhidas e pré-dispostas é sempre algo divino ou um deus, especialmente os mais "espiritual" dos deuses, Apolo.¹⁰⁵

3. O conceito grego do Pneuma no Novo Testamento.¹⁰⁶

Apesar de o estoicismo fazer uso do πνεῦμα, contrasta com o seu papel no Novo Testamento. Há certo paralelismo na compreensão formal. Assim, em ambos, πνεῦμα como δύναμις enche, gera, arrebatada, inspira e divulga. Ele dá o poder de dizer e fazer coisas extraordinárias. O fator constitutivo do πνεῦμα no mundo grego é sempre sua corporeidade sutil e poderosa. O grego profano não conhece pessoa hipostática do Espírito entendida como uma entidade divina independente. No mundo grego πνεῦμα é sempre considerada como uma coisa, nunca como uma pessoa.¹⁰⁷

O Espírito Santo é uma pessoa?

A resposta é que a Bíblia apresenta a pessoa como uma substância que pode fazer coisas pessoais e relacionais (como falar, pensar, sentir, agir). Algo que faz estas coisas pessoais no relacionamento como Deus, anjos e seres humanos, é uma pessoa.

¹⁰⁵ *Magnam cui* (sc. the sibyl) *mentem animumque Delius inspirat vates aperitque futura*, Verg. Aen., 6, 12, cf. on this E. Norden, *Vergils Aen. Buch VI*² (1916), 144–149. The ancient belief in the revealing power of the θεῖον πνεῦμα found cultic expression in the miracle of opening doors, cf. O. Weinreich, “Gebet u. Wunder,” *Tübinger Beiträge z. Altertumswissenschaft*, 5 (1929), Index s.v. πνεῦμα. Cic. Divin., I, 19, 37; Plat. Tim., 71.

¹⁰⁶ Cf. A. Bonhoeffer, “Epiktet u. d. NT,” *RVV*, 10 (1911), 67, 160–164; Prümmer, 199–201, 427–434; Verbeke, 511–544; Pohlenz, *Die Stoa*, I, 409 f., 420–422, 425 and n. To gauge the abs. difference in use cf. πνευματικόν in Plut. Quaest. Rom., 95 (II, 28b–e) (of legumes which are cultically unclean because they cause flatulence and incite to fornication) and in 1 C. 10:3 (of manna as heavenly food).

¹⁰⁷ On the distinction between the Gk. νοῦς and the Chr. πνεῦμα, Festugière, 50, n. 3 refers to Cl. Al. Strom., V, 87, 4–88, 3: πολλοῦ γε δεῖ ἄμοιρον εἶναι θείας ἐννοίας τὸν ἄνθρωπον, ὃ γε καὶ τοῦ ἐμφυσήματος ἐν τῇ γενέσει μεταλαβεῖν ἀναγράφεται καθαρωτέρας οὐσίας παρὰ τὰ ἄλλα ζῶα μετασχόν. ἐντεῦθεν οἱ ἀμφὶ Πυθαγόραν θεία μοῖρα τὸν νοῦν εἰς ἀνθρώπους ἤκειν φασί, καθάπερ Πλάτων καὶ Ἀριστοτέλης ὁμολογοῦσιν. ἀλλ’ ἡμεῖς μὲν τῷ πεπιστευκότι προσεπιπνεῖσθαι τὸ ἅγιον πνεῦμά φαμεν, οἱ δὲ ἀμφὶ τὸν Πλάτωνα νοῦν μὲν ψυχῇ θείας μοίρας ἀπόρροιαν ὑπάρχοντα, ψυχὴν δὲ ἐν σώματι κατοικίζουσιν ... ἀλλ’ οὐχ ὡς μέρος θεοῦ ἐν ἐκάστῳ ἡμῶν τὸ πνεῦμα.

Como é que o Espírito Santo se saem sob esse critério?

1. Extinto.

Somos informados de que ele pode ser *extinto*, 1 Tess 5:19; “Não extingais o Espírito”. O vocábulo extinguir vem do verbo grego σβέννυμι fut σβέσω; 1 aor ἔσβεσα, inf σβέσαι. Pass.: 1 fut. σβεσθήσομαι; 1 aor. ἐσβέσθην LXX¹⁰⁸, pf, ptc pl ἐσβεσμένοι 3 Macc. 6:34 e também Homero e outras fontes fizeram uso do mesmo como os seguintes significados: estado ou faculdade de deixar de funcionar ou existir, colocar para fora¹⁰⁹.

O vocábulo literalmente tem o sentido de, extinguir, colocar para fora segundo Josefo e outras fontes¹¹⁰. Como figura de linguagem pode ser entendido como reprimir, suprimir etc conforme se vê na Ilíada de Homero e nas obras de Platão¹¹¹.

2. Batizados.

Segundo Mateus 3.11 as pessoas seriam batizadas por ele: Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.

3. Regenerado e renovado.

Segundo Tit 3.5 o Espírito Santo é aquele que regenera e renova: “não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo”. Estes certamente não são atributos de uma pessoa.

4. Outras provas que o Espírito Santo não é uma pessoa!

Os Evangelhos registram mais uma prova de que o Espírito Santo não é uma pessoa. Em Mateus: 1:20, lemos que Jesus foi gerado pelo Espírito Santo. Portanto se ele é uma pessoa ele cometeu pecado, pois teve relação com uma mulher comprometida.

¹⁰⁸Cf. Septuaginta, ed. A.Rahlf's, unless otherwise specified—Lists 2, beg.

¹⁰⁹CF. Hom. et al.; Sb 7033, 46; 67; LXX; Test Job 43:5; Test Levi 4:1; Ar. 5, 3; Just., D. 93, 1; Mel., P. 82, 614; Ath., R. 20 p. 73, 11

¹¹⁰Cf. Josephus. This abbr. used when follow by title; I A.D.—Lists 5; Artem. 2, 9; Pr 13:9; Philo, Leg. All. 1, 46; TestLevi 4:1

¹¹¹Cf. Iliad, s. Hom.—List 5, 9, 678 χόλον; epigram in praise of Apollonius of Tyana: New Docs 3, no. 15, 2 [III/IV A.D.] ἀμπλακίας ‘faults’; Pla., Leg. 8, 835d ὕβρις; 10, 888a τὸν θυμόν; Herm. Wr. 12, 6; SSol 8:7 τὴν ἀγάπην; 4 Macc 16:4 τὰ πάθη; Jos., Bell. 6, 31 τ. χαράν, Ant. 11, 40; Just., D. 93, 1 τὰς φυσικὰς ἐννοίας

5. Cadê o Espírito Santo nas orações de Jesus?

No entanto, Cristo orou continuamente e dirigiu-se ao Pai, e não o Espírito Santo, como seu pai (Mateus: 10:32 , 33; 11: 25-27; 12:50, 15:13, 16:17, 27; 18:10, 35). Nunca que Ele representa o Espírito Santo como seu pai. Nem Jesus fala do Espírito Santo como uma terceira pessoa divina; ao invés Ele só falava da relação entre Deus Pai e Ele mesmo (Mateus: 26:39 ; Mar: 13:32 ; 15:34; João: 5:18, 22; 8:16, 18; 10:30, 13:3; 17:11).

6. Onde está o Espírito Santo na Trindade por Paulo?

Se a divindade era uma Trindade, certamente o apóstolo Paulo teria entendido e enfatizado isso em seus ensinamentos. No entanto, não encontramos esse conceito em seus escritos. A saudação padrão de Paulo em suas cartas às igrejas, bem como as pessoas a quem ele escreveu, é: “Graça e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo”. Não há nenhuma menção do Espírito Santo, o mesmo se vê nas seguintes passagens: Rm 1.7; 1 Cor 1.3,2; 2 Cor 1.2; Gl 1.3; Ef 1.2; Fl 1.2; Cl 1.2; I Tess 1.1,2; 2 Ts 1.2; 1 Tm 1.2; 2 Tm 1.2; Tit 1.4.

O Espírito Santo é *sempre* deixado de fora dessas saudações um descuido inacreditável se o Espírito Santo fosse realmente uma pessoa co-igual com Deus e Jesus. Isto é ainda mais surpreendente quando se considera que as igrejas que Paulo escreveu tinham muitos membros gentios de origens politeístas que antigamente tinham adorado vários deuses.

As Epístolas de Paulo não faz qualquer tentativa em explicar a Trindade ou o Espírito Santo como uma pessoa divina em igualdade com Deus Pai e Jesus Cristo. O apóstolo Paulo afirma claramente que “há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas... e um só Senhor Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas” (1 Cor 8:6). Ele não faz nenhuma menção do Espírito Santo como uma pessoa divina.

7. Cadê o Espírito Santo na Trindade do Apocalipse?

O último livro da Bíblia descreve “um novo céu e uma nova terra” (Apo 21:1), em que “o tabernáculo de Deus com os homens, e Ele habitará com eles” (v. 3). Jesus Cristo, “o Cordeiro”, também está lá (versículo 22) e o Espírito Santo, porém, mais uma vez não é explicitamente mencionado, outro descuido inconcebível, caso este Espírito fosse a terceira pessoa da Trindade.

Passagens que supostamente informam o Espírito Santo como pessoa

Jo 14:16 E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco. V.17. O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.

Análise. É correto afirmar que o vocábulo “outro” se aplica a algo da mesma espécie? Jo 14.16. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco. *καὶ γὰρ ἐρωτήσω τὸν πατέρα καὶ ἄλλον παράκλητον δώσει ὑμῖν, ἵνα μεθ’ ὑμῶν εἰς τὸν αἰῶνα ᾗ,*

Mar 10.12. E, se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério. Mar 14.58. Nós o ouvimos declarar: Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e, em três dias, construirei outro, não por mãos humanas. Lc 7.19. Enviou-os ao Senhor para perguntar: És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?

ἄλλος, η, adjetivo indefinido acusativo masculino singular, Cypr. *αἴλος* *Inscr.Cypr.*135 H. (Idalion): (from *ἀλγος*, cf. Lat. *alius*):— outro, ou seja, um além do que já foi mencionado¹¹².

ἄλλος no sentido neutro significa outra ou (vários) outros, uma pessoa ou pessoas além do falante (s) ou pessoa (s) mencionada ou implícita no contexto. A palavra também pode significar diferentes em espécie, por exemplo, Mat 2:12; Marcos 14: 57f; João 10:16, 1 Coríntios 15: 39-41, etc. A existência ou a possibilidade, mesmo teórica de coisas adicionais ou pessoas de um tipo particular, de algo idêntico ou da mesma natureza ou valor é negado¹¹³. *ἄλλος*, η, O que é diferente de qualquer outra entidade, o que é diferente em tipo ou espécie em comparações com outro¹¹⁴.

¹¹²Cf. H. G. Liddell, Robert Scott, H. Stuart Jones, Roderick McKenzie, *A Greek-English Lexicon*, Edited by P. G. W. Glare, With the assistance of A. A. Thompson, 2534

¹¹³Cf. Gerhard Schneider, *Exegetical Dictionary of the New Testament*, Edited by Horst Balz, 245

¹¹⁴Cf. Walter Bauer's, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, Revised and edited by Frederick William Danker 347

Jo 14.26. Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.

Análise. Algumas pessoas informam que aqui se trata de uma pessoa e não uma ação e isso com base que apenas uma pessoa pode ensinar, mas o que diz o texto grego referente a isso?

Esta é a quinta (e última) vez que o Paráclito é mencionado. Aqui **ὁ παράκλητος** **ἔ**, pela primeira vez identificado com **τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον**, um título digno e familiar aos judeus (Sl 51:11, Isa. 63:10). O título completo não ocorre novamente em João (apenas 20:22). Temos, no entanto, em Mc 3:29, 13:11, Mt. 12:32; Lc. 12:10, 12.

ὁ πέμψει ὁ πατήρ. Esta é a doutrina Lucana, que o Pai envia o Espírito (Lc. 24:49, At 2:33), e nós tivemos já no v. 16; mas, 15:26, 16: 7 o Espírito é enviado pelo Filho (20:22). Esta é apenas uma ilustração adicional da doutrina joanina de que o que o Pai faz, o Filho faz.

ἐν τῷ ὀνόματί μου. “em meu nome” não transmite o significado de forma adequada. At 5:43 Jesus disse que Ele tinha vindo “em o nome” do pai, e em 10:25 que Ele operou Suas obras no mesmo nome; o sentido em ambos os casos (see notes *in loc.*) sendo não só que Ele veio como representante do Pai, mas como Aquele a quem “o nome,” *i.e. o poder providencial do Pai, tinha sido dada, e que viria a revelar o caráter e propósito do Pai.* Então aqui é dito que o Espírito será enviado “em nome” de Cristo, para explicar a sua missão e para revelar suas consequências. Como o Filho foi enviado em nome do Pai (5:43), para que o Espírito Santo será enviado, no futuro, “em nome” do Filho. Isto não significa que o Espírito Santo não era operatório antes da Encarnação, mas sim que, após a Paixão e Ressurreição (ver em 16:23, e cf. 7:39) Ele virá com o poder vivificante mais eficaz da nova revelação de Deus em Cristo.

O termo παράκλητος não ocorre na Bíblia grega fora dos escritos joaninos. Por outro lado, João não utiliza παρακαλεῖν ou παράκλησις, a última palavra é especialmente Lucana e Paulina, enquanto a primeira é comum a maior parte dos escritores do Novo Testamento.

Etimologicamente, παράκλητος é uma forma passiva, e é equivalente ao vocábulo Latim *advocatus*, significando aquele que é “chamado” para dar ajuda ou conselho, e é usado especialmente do advogado de defesa.¹¹⁵

Para os escritores clássicos este sempre foi o significado. Demostenes (*de falsa leg.* 341) tem αἱ τῶν παρακλήτων δεήσεις καὶ σπουδαί. O termo é usado da mesma maneira por Filo. Assim, a cidade de Alexandria era chamada de παράκλητος (*in Flaccum*, 4; cf. also *de Josepho*, 40). Filo diz que Deus não usou παράκλητος (*i.e. socorro*) na obra da criação.¹¹⁶

¹¹⁵Cf. Lightfoot, *Revision of N.T.*, pag. 50 f.

¹¹⁶ This “son” is not the Logos (as has been erroneously stated), but the Cosmos (cf. Drummond, *Philo Judæus*, ii. 238; Sanday, *Criticism of Fourth Gospel*, 197; and Bacon, *Fourth Gospel*, 298). Philo’s use of παράκλητος does not relate the term to his Logos.

Da mesma forma, Barnabé (§ 20) tem πλουσίων παράκλητοι, “defensores dos ricos”; e em 2 Clem. 6 temos a questão, “Quem deve ser o nosso παράκλητος, *i.e.* nosso advogado, se não são encontrados fazendo o que é certo?” Assim, na Carta das Igrejas de Lyon e Vienne (about 177 A.D., Eus. *H.E.* v. 1), diz-se que Vettius Epagathus, confessando que ele era um cristão, foi levado para a ordem dos mártires (εἰς τὸν κλήρον τῶν μαρτυρῶν), sendo chamado παράκλητος Χριστιανῶν, tendo o Paráclito dentro de si mesmo. Pode-se acrescentar que a palavra foi emprestada do grego pelos judeus, e aparece em escritos talmúdicos (Wetstein em Jn. 14:16) como טְלַרְפּ no sentido de *defensor*. Embora o verbo παρακαλεῖν não aparece em João, a análise de seu uso lança alguma luz sobre o significado de παράκλητος.

O verbo é especialmente aplicado para a invocação de um deus, e chamando-o para ajudar: *e.g.* Thucydides, i. 118 *fin.*, αὐτὸς ἔφη ξυλλήψεσθαι καὶ παρακαλούμενος καὶ ἄκλητος; Epictetus, *Diss.* III. xxi. 12, τοὺς θεοὺς παρακαλεῖν βοηθούς; Plutarch, *Alexander*, 33, παρεκάλει τοὺς θεοὺς. Depreende-se que essas passagens do vocábulo παράκλητος é usado naturalmente por um ajudante, seja como testemunha (15:26), ou como *defensor* (16:8), ou como um *conselheiro* (16:13). παρακαλεῖν também é usado no sentido de incentivar, *e.g.* Polybius, III. xix. 4, οἱ περὶ τὸν Δημήτριον συναθροίσαντες σφᾶς αὐτοὺς καὶ παρακαλέσαντες; mas παράκλητος, sendo uma forma passiva, não pode ser equivalente a “aquele que encoraja.”

Orígenes (*de princ.* II. vii. 4) distintamente diz que enquanto em 1 Jn. 2:1 παράκλητος significa intercessor, no Quarto Evangelho significa consolador. Assim, também, Cirilo de Jerusalém diz (*Cat.* xvi. 20) que o Espírito é chamado παράκλητος por παρακαλεῖν, “o consolador,” bem como porque Ele “ajuda nossas fraquezas” e “intercede” por nós (Rom. 8:26). Gregório de Nyssa (*c. Eunom.* ii. 14) chama também a atenção para os dois significados do verbo παρακαλεῖν. É, talvez, por consequência de uma interpretação inicial de παράκλητος em João 14 como “consolador.” Áquila e Teodocião tomam ⲙⲛⲓ em Jó 16:2 por παράκλητος, onde a Septuaginta tem παρακλήτωρ. Mas o peso da evidência é, sem dúvida, em favor de “defensor” em vez de “consolador”.

At 8.29. Então, disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro e acompanha-o.

Análise. Será que realmente foi o Espírito Santo que falou com Filipe, ou um anjo? Vê-se que não está escrito Espírito Santo e sim apenas Espírito o qual isso muda totalmente a firmação de alguns! A palavra Espírito pode muito bem ser aplicado ao Anjo do versículo 26 que está se comunicando com Filipe e não o Espírito Santo!

O novo desenvolvimento na narrativa é atribuído à iniciativa divina pela referência a um anjo do Senhor no versículo 26 (5:19; 10:3, 7, 22; 11:13; 12:7–11, 23; 27:23). Mais tarde, as instruções serão dadas supostamente pelo Espírito Santo; neste capítulo como no cap. 10 há a este respeito pouca ou nenhuma diferença entre as duas agências, ou seja, Anjo ou o Espírito Santo (8:26, 29; 10:3, 19).

Foi planejada a conversão do etíope não por Filipe, mas por Deus, que usou seu mensageiro para reunir o evangelista e o gentio já interessado nas Escrituras; na expressão ἄγγελος κυρίου o κύριος era uma expressão muito comum no Antigo Testamento (quase sempre para מלאך יהוה) e, provavelmente, terá seu sentido do Antigo Testamento aqui.

No versículo 26 é o anjo e não o Espírito Santo que instrui Filipe o que ele deveria fazer. Filipe deve-se ir para onde lhe é dito; não há transporte sobrenatural, como no v. 39. Agora no versículo 39 se fala do Espírito Santo ou não? Se levar ao pé da letra temos três personagens! No versículo 26 um *anjo do Senhor*, no 29, um *Espírito* e no 39 o *Espírito do Senhor*! Agora se isso é a verdade acredito ter confundido a cabeça de Filipe, pois como ele conseguiu distinguir quem eram os três?

A expressão πνεῦμα κυρίου (Espírito do Senhor) do versículo 39 é anarto. πνεῦμα (contraste entre 5:9, τὸ πνεῦμα κυρίου; 16:7, τὸ πνεῦμα Ἰησοῦ) pode sugerir um fundo semita (Knox, Hellenistic Elements 16). O Espírito arrebatou a Filipe: em outras partes do Novo Testamento ἀρπάζειν é utilizado do arrebatamento das pessoas para o céu, ou a Deus —2 Cor 12:2, 4; 1 Tes 4:17; Apo 12:5. A palavra πνεῦμα (Espírito) deve aqui ser traduzido como vento: “ventus domini ... e não Espírito Santo o qual acho que é um pouco absurdo”.¹¹⁷

¹¹⁷ Philostratus, Apollonius 8:10. Blass (113), Begs. 4:98, than having Philip blown to Azotus

At 13.2. E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado.

Análise. Será que realmente foi o Espírito Santo quem falou? Como que conseguiram identificar isso? Apareceu de que forma?

Na verdade eram os profetas que estavam profetizando, pois existia ali bispos e diáconos que estavam assumindo o serviço de profetas e mestres: ὑμῖν γὰρ λειτουργοῦσι καὶ αὐτοὶ τὴν λειτουργίαν τῶν προφητῶν καὶ διδασκάλων¹¹⁸.

Os líderes da igreja em Antioquia são descritos como realizando um serviço de adoração. Lucas não dá nenhuma indicação de como era a forma do culto. Será que isso significa “Enquanto celebravam a liturgia eucarística?” Há mais a ser dito sobre a sugestão de que eles estavam profetizando, ensinando e orando (v. 3). No decurso da reunião, εἶπεν τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον: presumivelmente através de um dos profetas.

At 10.19. Enquanto meditava Pedro acerca da visão, disse-lhe o Espírito: Estão aí dois homens que te procuram.

Análise. Enquanto Pedro estava refletindo sobre a visão... Um anjo falou com Cornélio (v. 3); uma voz falou com Pedro (v. 13, 15); veja que não se fala que foi o Espírito Santo, porém o escritor Lucas entendeu que foi um Espírito conforme o versículo 19 e não o Espírito Santo!

Atributos impessoais do Espírito Santo

O Espírito Santo é falado em muitos aspectos o qual demonstra que ele não é uma pessoa divina. Por exemplo, é referido como um presente (Atos 10:45; 1 Timóteo 4:14) que Deus dá sem limite (João 3:34). Se disse que o Espírito Santo pode ser saciado (1 Tessalonicenses 5:19), que pode ser derramado sobre as pessoas (Atos 2:17, 33), e que somos batizados com (Mateus 3:11).

As pessoas podem beber dele (João 7: 37-39), participar dele (Hebreus 6: 4) e ser preenchido com ele (Atos 2: 4; Efésios 5:18). O Espírito Santo também renova (Tt 3: 5) e deve ser agitado dentro de nós (2 Tm 1, 6). Estas são características impessoal e certamente não são atributos de uma pessoa ou ser pessoal!

O Espírito é também descrito por outras designações como: o Espírito da promessa, o penhor da nossa herança e o espírito de sabedoria e revelação (Efésios 1: 13-14, 17) isso mostra que não é uma pessoa. Em contraste com Deus Pai e Jesus Cristo, que são consistentemente comparados com os seres humanos em sua forma e a forma do Espírito Santo é consistentemente representado por vários símbolos e manifestações, e uma completamente diferente da outra como: respiração (João 20:22), vento (Atos 2: 2), fogo (versículo 3), água (João 4:14; 7: 37-39), óleo (Salmo 45: 7; compare Atos 10:38; Mateus 25: 1-10), uma pomba (Mateus 3:16) e um "penhor". Para dizer o mínimo, essas representações são difíceis de entender se o Santo Espírito é uma pessoa!

¹¹⁸Cf. H. Strathmann e R. Meyer in *TWNT* 4:221–38. *Didache* 15:1

O Espírito Santo está ausente em visões do trono de Deus

Deve se considerar que nas visões do trono de Deus registradas na Bíblia, embora o Pai e Cristo são vistos, o Espírito Santo como uma terceira pessoa está completamente ausente.

Em Atos 7: 55-56, que descreve o martírio de Estêvão, se lê que ele "olhou para o céu e viu a glória de Deus, e Jesus em pé à mão direita de Deus".

Daniel 7: 9-14 descreve de forma semelhante a visão dos céus. Ele viu "o Ancião dos Dias", Deus o Pai e "Um como o Filho do Homem", o Jesus preexistente Cristo.

Mais uma vez, ele não viu nenhuma terceira pessoa de uma Santíssima Trindade. E em Apocalipse 4-5 e 7:10, Jesus, o Cordeiro de Deus, é mencionado como estando à mão direita de Deus Pai, mas ninguém é mencionado como sendo a mão esquerda do pai. Em nenhum lugar está o Espírito Santo mencionado como um ser ou pessoa.

Em Apoc 22.1 se diz do rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro, entretanto o Espírito Santo como uma pessoa distinta esta mais uma vez ausente.

É por isso que Paulo diz em 1 Coríntios 8: 6 que "há um só Deus, o Pai... e um só Senhor, Jesus Cristo", sem mencionar o Espírito Santo como uma pessoa divina.

Em Mateus 1:20, encontramos mais uma prova de que o Espírito Santo não é uma entidade distinta, mas o poder divino de Deus. Aqui se lê que Jesus foi concebido pelo poder do Espírito Santo. No entanto, Jesus orou continuamente para se dirigir a Deus o Pai, como Seu Pai, e não o Espírito Santo (Mateus 10: 32-33; 11: 25-27; 12:50). Ele nunca representou o Espírito Santo Como seu pai! Claramente, o Espírito Santo foi o órgão ou poder através do qual o Pai gerou a Jesus como Seu Filho, não uma pessoa ou ser separado completamente.

Como as escrituras descrevem as ações do Espírito Santo?

Algumas passagens bíblicas parecem descrever o Espírito Santo como aparentemente se engajando em atividades pessoais. Isso significa que o Espírito Santo é uma pessoa distinta?

Na linguagem dos tempos bíblicos, as coisas não pessoais às vezes eram descritos de forma pessoal e como tendo personalidade e atividades. Por exemplo, em Gênesis 4:10 Deus disse a Caim: "O que você fez? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde o início. "Aqui sangue derramado de Abel é descrito como tendo uma" voz "que" grita "a partir do solo. No entanto, esta é claramente uma linguagem figurada, como o sangue não tem voz e não pode falar.

Da mesma forma, no livro de Provérbios, a sabedoria é personificada como clamando em voz alta e chorando (Provérbios 1: 20-21). Provérbios 8 descreve a sabedoria como gritando de pé sobre um monte elevado, chamando os homens, falar, ter lábios e boca, amar e ser amado, ter filhos etc. No entanto, obviamente, a sabedoria não é uma pessoa e não faz nenhuma dessas coisas em um sentido literal! Da mesma forma, o Salmo 65:13 descreve os vales gritando de alegria e cantando. Salmo 96: 11-12 atribui emoções para os céus, a terra e os campos. Salmo 98: 8 diz que os rios batem palmas. Salmo 148: 4-5 descreve os céus e a chuva louvando a Deus.

Isaías 3:26 diz que as portas da cidade de Jerusalém vão lamentar e chorar. Isaías 14: 8 fala dos ciprestes se regozijando. Isaías 35: 1 atribui emoções para o deserto e diz que o deserto se alegrará. Isaías 44:23 e 49:13 descrever as montanhas, as florestas, as árvores e os céus cantando. Isaías 55:12 diz que os outeiros cantarão e árvores baterão palmas. Em Habacuque 2:11 pedras e madeiras são descritos como falando uns com os outros. Encontramos personificações semelhantes de coisas não pessoais no Novo Testamento também. Mateus 11:19 fala da sabedoria de ter filhos. Romanos 6 diz que o pecado escraviza e reina sobre os seres humanos (versos 6, 12, 16). Em Romanos 10: 6 a justiça é descrito como falando. Em 1 João 5: 8 água e sangue são ditas como testemunhas.

No entanto, claramente nenhuma dessas coisas aconteceu literalmente. Às vezes, a Bíblia se aplica da mesma forma como a linguagem figurativa para o Espírito Santo, dando atributosr como se fosse uma pessoa.

A New Catholic Encyclopedia, diz: “A maioria dos textos do Novo Testamento revelam o espírito de Deus como algo, não alguém; Isto é especialmente visto no paralelismo entre o espírito e o poder de Deus. Quando uma atividade quase pessoal é atribuída ao espírito de Deus, por exemplo, falar, desejar, habitar (At 8,29; 16,7; Rom 8.9), não se pode concluir de imediato que nestas passagens o espírito de Deus é considerado como uma pessoa; as mesmas expressões são usadas também em relação a coisas retoricamente personificadas ou ideias abstratas... "Em Atos, o uso das palavras" Espírito Santo ", com ou sem um artigo, é rica e abundante. No entanto, uma vez mais, é difícil para demonstrar personalidade dos textos”¹¹⁹.

Assim, se vê em alguns casos o Espírito Santo sendo descrito em uma atividade pessoal, devemos entender isso como Deus através do Espírito Santo como o poder ou órgão através do qual Ele age.

O Espírito Santo é o órgão através do qual Deus-Pai ou Filho ou os dois praticam suas ações. O Espírito Santo é o poder, mente e vida própria, essência do infinito Deus o qual permeia, para que por ele Deus, como o Salmo 139: 7-10 e Jeremias 23: 23-24 nos mostram, é onipresente.

¹¹⁹Cf. *New Catholic Encyclopedia*, 2003, Vol. 13, “Spirit, Holy,” pag. 428

É por isso que Pedro em Atos 5: 1-10 disse que Ananias e Safira "mentiu para o Espírito Santo", e também que "mentiu... a Deus". Esta passagem não indica que o Espírito Santo é Deus ou parte de uma trindade, como alguns leem nesta passagem, mas sim que o Espírito Santo, sendo a agência onipresente através do qual Deus age, é como Deus ouviu a mentira. A referência de Jesus Cristo em João 16: 7 ao Espírito Santo como um "ajudante" (ou "Conselheiro", "Consolador" ou "advogado", como algumas versões informam) é a personificação que oferece uma boa analogia da parte da função do Espírito na vida dos verdadeiros cristãos.

O Espírito Santo: Poder Transformador de Deus

Um dos principais problemas com a doutrina da Trindade é que ela obscurece a compreensão do papel crucial do Espírito de Deus como o poder de Deus, particularmente na vida de um cristão.

Deve se pôr de lado falsas crenças, se quiser chegar a um entendimento correto da verdade do que a Bíblia revela sobre o Espírito Santo. O Espírito de Deus, como se viu é descrito por um anjo como "o poder do Altíssimo" (Lucas 1:35). Este é o poder que sustenta o universo. E é o mesmo poder que se pode receber diretamente de Deus!

Muitas outras passagens mostram essa ligação entre o Espírito Santo e o poder de Deus. Por exemplo, Paulo, lembrou Timóteo que "Deus não deu um espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (2 Timóteo 1: 7). Outros textos também se referem ao Espírito Santo como o poder de Deus (Zacarias 4: 6; Miquéias 3: 8).

Lucas 4:14 registra que Jesus Cristo iniciou o seu ministério "no poder do Espírito." Falando do Espírito Santo, que seria dado a seus seguidores após sua morte, Jesus lhes disse: "recebereis virtude, a do Espírito Santo que descera sobre vós "(Atos 1: 8).

Pedro relata que "Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, [e Jesus] andou fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo demônio, porque Deus estava com Ele" (Atos 10:38).

O Espírito Santo está aqui associado com o poder pelo qual Deus, o Pai estava com Jesus, o poder através do qual Ele realizou poderosos milagres durante seu ministério. O Espírito Santo é a própria presença do poder de Deus trabalhando ativamente em seus servos (Salmos 51:11; 139: 7).

Paulo expressa seu desejo de que os cristãos fossem "ricos de esperança no poder do Espírito Santo", da mesma forma que Jesus havia trabalhado por ele "em sinais e prodígios, pelo poder do Espírito de Deus" (Romanos 15: 13, 19). Este Espírito capacita os cristãos a viver uma vida de crescimento e superação, de transformar suas vidas para tornar-se semelhante a Jesus Cristo! O Espírito Santo, é descrito por um anjo como "o poder do Altíssimo " (Lucas: 1:35).

Bibliografia

- A. Bonhoeffer, "Epiktet u. d. NT," RVV, 1911.
- A. Hultgard, 'The Ideal "Levite", the Davidic Messiah and the Saviour Priest in the Testaments of the Twelve Patriarchs', in *Ideal Figures in Ancient Judaism*, SBLSCS 12, ed. J. J. Collins and G. W. E. Nickelsburg, Chico, 1980.
- Alan Richardson, *A Dictionary of Christian Theology*, 1969.
- Alexander Roberts e James Donaldson, *The Ante-Nicene Fathers*, Reimpressão Americana da Edição de Edimburgo, 1885, Volume I.
- Anaximenes, of Miletus, Ionic natural philosopher of the middle of the 6th century B.C., ed. H. Diels in *Die Fragmente der Vorsokratiker*, I⁴, 1922.
- Arthur Weigall, *Paganism in Our Christianity*, 1928.
- Bernhard Lohse, *A Short History of Christian Doctrine*, 1980.
- Bruce Metzger and Michael Coogan, *The Oxford Companion to the Bible*, 1993.
- Charles Bigg, *Christian Platonists of Alexandria*, 1886.
- Charles Ryrie, *Teologia Básica*, 1999.
- Colin Brown, *The New International Dictionary of New Testament Theology*, Vol. 2, 1976.
- Gibbons', *History of Christianity, How Ancient Trinitarian Gods Influenced Adoption of the Trinity*, 1883.
- Henry Chadwick, *The Early Church*, 1980.
- Hg Wells, *O Esboço da História*, 1920, Vol. 2.
- Hubert Jedin, *Ecumenical Councils of the Catholic Church: an Historical Outline*, 1960.
- John F. Clarkson, SJ, John H. Edwards, SJ, William J. Kelly, SJ, e John J. Welch, SJ, *The Church Teaches*, 1955.
- John Lenker, *The Sermons of Martin Luther*, Vol. 3, 1988.
- John McClintock e James Strong, *Cyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*, 1891, Vol. 10
- K. Reinhardt, *Kosmos u. Sympathie*, 1926.

- M. A. Chevallier, *L'Esprit et le Messie dans le Bas-Judaïsme et le Nouveau Testament*, Paris, 1958.
- M. de Jonge, 'Christian Influence on the Testaments of the Twelve Patriarchs', *NovT* 4 (1960).
- Millard Erickson, *God in Three Persons: A Contemporary Interpretation of the Trinity*, 1995.
- Penelope Lawson, *On the Incarnation*, 1981.
- Philip Schaff e Henry Wace, *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, de, 1892, Volume IV.
- Richard McBrien, *The Harper Collins Encyclopedia of Catholicism*, 1995.
- Robert M. Grant, *The Apostolic Fathers*, Volume 4, 1966.
- Roger Olson, Christopher Hall, *A Trindade*, 2002.
- S. Eitrem, "Orakel u. Mysterien am Ausgang d. Antike," *Albae Vigiliae*, NF, 5, 1947.
- Samuel Macauley Jackson, *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, 1911, Vol. 9.
- Septuaginta, ed. A. Rahlfs, unless otherwise specified—Lists 2, beg.
- Shirley Guthrie, Jr, *Christian Doctrine*, 1994.
- Simson Najovits, *Egypt, Trunk of the Tree*, Vol. 2, 2004.
- The *Encyclopaedia Britannica*, 1985 edition, Micropaedia, Vol. 11.
- Thomas Dennis Rock, *The Mystical Woman and the Cities of the Nations*, 1867.
- W. D. Davies, *Paul and Rabbinic Judaism*, rev. ed., Philadelphia, 1980.
- W. Kranz, "Kosmos als philosophischer Begriff frühgr. Zeit," *Philol.*, 1939.
- W. Porzig, "Bedeutungsgeschichtliche Studien," *Idg. Forschungen*, 1924.
- Weinreich, "Gebet u. Wunder," *Tübinger Beiträge z. Altertumswissenschaft*, 5, 1929.
- Wilamowitz-Moellendorff, *Der Glaube d. Hellenen*, 1931.